



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA LIDIANY FERREIRA VELOSO

**O MEL DOURADO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS APICULTORES EM
PICOS-PI (1980-2014)**

PICOS - PIAUÍ

2014

MARIA LIDIANY FERREIRA VELOSO

**O MEL DOURADO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS APICULTORES EM
PICOS-PI (1980-2014)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

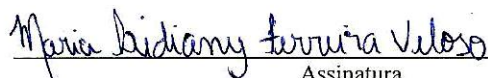
Orientador: Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto
Fonseca

PICOS - PIAUÍ

2014

Eu, **Maria Lidiany Ferreira Veloso**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 18 de agosto de 2014.



Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V437m Veloso, Maria Lidiany Ferreira.
O Mel dourado: experiências e vivências dos apicultores em Picos
- PI (1980 – 2014) / Maria Lidiany Ferreira Veloso. – 2014.
CD-ROM : 4 ¼ pol. (62 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Rodrigo Gerolineto Fonseca

1. Apicultura. 2. Apicultores - Experiências. 3. Apicultores -
Dificuldades. I. Título.

CDD 638.181 22

MARIA LIDIANY FERREIRA VELOSO

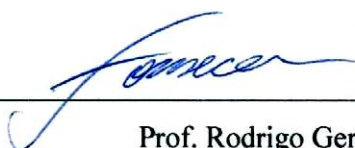
**O MEL DOURADO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS APICULTORES EM
PICOS-PI (1980-2014)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

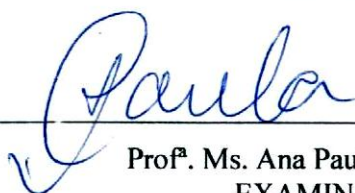
Orientador: Prof. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Aprovada em: 08 / 08 / 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Rodrigo Gerolineto Fonseca
ORIENTADOR



Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
EXAMINADORA



Prof. Gustavo Batista
EXAMINADOR EXTERNO

**PICOS-PI
2014**

A Deus, a meus pais, meus irmão e amigos
que estiveram ao meu lado nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Rodrigo Gerolineto Fonseca pela irretocável orientação e principalmente pela compreensão. Estou certa de que não teria chegado ao fim se não tivesse o suporte de um orientador tão capaz de aceitar minhas limitações na execução deste trabalho, e mesmo assim sempre me estimular a prosseguir e evoluir.

Aos professores José Lins Duarte e Ana Paula Castro, por ter aceitado a me auxiliar mesmo com a dissertação em andamento, por ter acrescentado um novo olhar ao trabalho, por sempre trazer novas ideias, por me estimular a sempre melhorar.

Ao senhor Solimar, por generosamente ter compartilhado a ideia que resultou na execução deste trabalho.

A CAMPIL e COOAPI, pela disponibilização dos planos; pela dedicação do recurso humano, pela oferta das informações que auxiliaram na captação, separação e conclusão deste trabalho.

Aos entrevistados José Roberto Ravin, Adão Gomes Gonçalves, João Alves de Sousa, José Ronildo Carvalho Leal, Francisco Assis da Silva (in memoriam), Antônio de Moura Barbosa e Luís Raimundo Martins que me concederam seu tempo e compartilharam comigo seus entendimentos sobre planejamento e a vida de quem trabalha com apicultura, contribuindo sobremaneira para o estudo.

À minha família, Pai Antônio de Sousa Veloso, Mãe Maria Lúcia Ferreira Veloso, irmãos Francisco Leandro e Antônio Leonardo, meus avós paterno Manoel José Veloso e Maria de Sousa Veloso, meus avós materno Antônia Maria da Silva e Antônio Ferreira da Silva (in memoria), minhas tias Maria dos Remédios, Antônia, Francisca, Aparecida, meus tios Jose e Francisco, meus primos Ricardo, Jose Mariano Junior, Luiz Alberto, Adriana, Andreia, Laís, Tamires, Laiza, Marcos Vinicius, Fernando, Robério, Alysson e especialmente Fernando pela ajuda no trabalho e Mateus, pela compreensão da ausência, pelo suporte, e principalmente por acreditarem em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, por sempre terem sido meus pilares durante essa jornada tão árdua e nunca terem me deixado vacilar e desanimar durante esses anos.

Aos colegas da UFPI: ao Curso de Historia, em especial Lívia, Shayane e Laécio, por todo o suporte e a amizade incontestável que cultivamos nesses quatro anos e meio, por terem me entendido nas minhas muitas ausências e por ter sido meus ajudantes e fieis escudeiros; aos demais colegas da graduação pelo apoio e assistência.

A minha prima Vera (in memoriam), onde a cada dia sua despedida nos remete a complexa mistura de pranto e riso. Nosso pranto é de dor e de saudade, mas a lembrança mais forte que você nos deixou é de riso, de alegria, de felicidade. “As pessoas boas não morrem, ficam encantadas”, disse Guimarães Rosa.

A todos os outros que aqui não citei, e que me apoiaram e incentivaram durante a execução deste trabalho.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho procura analisar as consequências da apicultura a vida dos trabalhadores apícolas e a cidade de Picos (PI) de 1980 a 2014. Na cidade de Picos o crescimento da atividade apícola de caráter profissional surgiu no final na década de 1970 com a família Wenzel e Bende, que implantaram a produção da apicultura na região por apresentar um clima e vegetação favorável para a reprodução das abelhas e produção de mel. Contudo foi na década de 1980 e 1990 que ocorreu a explosão da apicultura e novos olhares voltaram-se para o setor, promovendo o desenvolvimento da cidade e vida do apicultor. No entanto o setor, a partir dos anos 2000, começa a enfrentar graves problemas devido à falta de apoio mais eficazes ao setor demonstrando suas fragilidades. Assim, inicialmente buscou-se entender os benefícios iniciais que a apicultura trouxe ao crescimento da cidade e vida dos apicultores que se fizeram na apicultura, especialmente no ápice, prosseguindo analisaremos a realidade da apicultura e dos apicultores que ainda hoje permanecem no ramo. Através do método da história oral e apoio de fontes documentais é que procuramos reconstruir a história da apicultura na cidade de Picos, então “Capital do Mel” e a memória e experiências de vida, trabalho e relações sociais desses apicultores na atividade apícola. Ainda, a partir das informações dos entrevistados discutiremos o impacto da atividade, a multiplicidade de apicultores, as facilidades e dificuldades enfrentadas por esses sujeitos que em busca de uma vida melhor e digna para a família, encontraram na apicultura seu ganho.

Palavras-chave: Apicultura; Crescimento; Apicultor; Experiências; Dificuldade.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the consequences of beekeeping in the life of bee workers and Picos (PI) from 1980 to 2014. In Picos, the growth of professional beekeeping activity appeared at the end of the 1970s with the Wenzel's and Bende's family, who implanted the production of beekeeping in the region by presenting a favorable climate and vegetation for breeding of bees and honey production, but it was in the 1980s and 1990s that occurred the explosion of beekeeping and new eyes were turned to the sector, promoting the city's development and life of the beekeeper. However, the industry from the 2000s, begins to face serious problems due to lack of more effective support to the sector, showing its weaknesses. So, initially we sought to understand the initial benefits that beekeeping brought to the growth of the city and the lives of beekeepers who were made in beekeeping, especially at the apogee, continuing to analyze the reality of beekeeping and beekeepers who still remain in business. Through oral history and documentary sources of support, is that we try to reconstruct the history of beekeeping in the city of Picos, "Capital of Honey" by then, and the memory and life experiences, work and social relationships of these beekeepers in beekeeping. Still, from the information of the interviewees, we will discuss the impact of the activity, the multiplicity of beekeepers, the facilities and difficulties faced by those individuals who in search for a better and dignified life for the family, found in beekeeping its gain.

Keywords: Apiculture; Growth; Apiarist; Experiences; Difficulty.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 Placa de Boas Vindas a Cidade de Picos em 2014.....	21
Fotografia 02 Barraca localizada no povoado Mirolândia, no município de Picos.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAMPIL	Cooperativa Apícola da Microrregião de Picos
COOAPI	Cooperativa Apícola da Grande Picos
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba
FEAPI	Federação das Entidades Apícolas do Piauí
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEDET	Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIF	Serviço de Inspeção Federal
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 PICOS: A TERRA DE PROMISSÃO DA APICULTURA.....	18
1.1 OS AGENTES NO DECORRER DA ATIVIDADE APICOLA.....	32
2 TRABALHO E EXPERIÊNCIA DOS APICULTORES NA “CAPITAL DO MEL”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
ANEXOS.....	61

INTRODUÇÃO

O processo de organização do trabalho do apicultor e a constituição das cooperativas associado à ideia de desenvolvimento é um dos assuntos de grande importância histórica para a cidade de Picos, pois a mesma é considerada um dos maiores centros produtores de mel do estado do Piauí, da região Nordeste e do País. Com a chegada dos primeiros produtores na cidade e criação das cooperativas, voltadas para apicultura, ocorre o desenvolvimento do setor no município, sendo que posteriormente veio receber o título de Capital do Mel. Partindo desse contexto procurou-se analisar a partir do ponto de vista dos apicultores, o desenvolvimento e as mudanças que essa atividade ocasionou no seu modo de vida. Logo, o papel das cooperativas e do trabalhador apícola vem sendo bastante discutida nos dias atuais, principalmente no que diz respeito ao problema da seca que vem dizimando as abelhas, e a falta de políticas de apoio ao setor, colocando em risco a atividade apícola na região.

Em torno das discussões voltadas para a produção de mel no Piauí, tendo como foco a cidade de Picos, é de fundamental importância desenvolver estudos voltados para o processo histórico da apicultura e sua importância para o desenvolvimento econômico da cidade. Cabe enfatizar que Picos passou a ser considerada um dos maiores centros produtores de mel da região Nordeste, isto, segundo as cooperativas¹, graças a ação dos apicultores e das cooperativas, estas voltadas a estimular o desenvolvimento e a defesa das atividades ligadas ao setor, bem como a comercialização de produtos ligados ao mel e seus derivados: própolis, geleia real, cera, entre outros, nos mercados locais, nacionais e internacionais, além de proporcionar a venda dos instrumentos necessários para realização da atividade.

O interesse pelo tema surgiu a partir da discussão acerca da produção de mel, sua comercialização, bem como a denominação atribuída à cidade de Picos como capital do mel. Perante esses fatos, analisou-se a importância dessa atividade, passando a ser feito uma associação ao contexto da explosão da apicultura na região, levando-a ser uma das maiores produtoras de mel do estado e uma das maiores da região Nordeste².

Esse tema é de grande importância social, pois está diretamente ligada à identidade dos cidadãos picoenses, por ser esta uma das maiores regiões produtora do mel orgânico, apresentar condições climáticas favoráveis e vegetação variada para o desenvolvimento dessa

¹ CAMPIL (COOPERATIVA APÍCOLA DA MICRORREGIÃO DE PICOS) E COOAPI (COOPERATIVA APÍCOLA DA GRANDE PICOS).

² DUARTE, Renata B. de A.(org.). **Histórias de Sucesso**: agronegócios: apicultura. Brasília: SEBRAE, 2006.

atividade. Partido desse pressuposto, pretende-se também discutir, a vida dos trabalhadores apícolas e os benefícios ocasionados pela apicultura à cidade de Picos, partindo do ponto de vista das instituições, como Banco do Brasil, SEBRAE, e principalmente a visão daqueles a cerca da ideia de progresso voltado para a construção e crescimento da atividade na cidade e vida dos mesmos, assim como dificuldades enfrentadas na realização desse ofício.

Partindo desse contexto, primeiramente buscaremos discutir o cruzamento das fontes documentais e orais, abordando os aspectos positivos proporcionados pela apicultura à região. Os pioneiros nesse ramo, segundo Jornal Macambira³, foram a família Wenzel e o Sr. Bende, que chegaram a Picos no final da década de 70, em busca de um lugar ideal para criação das abelhas e produção do mel, encontraram na cidade, o lugar propício para instalação dos apiários, pois a região possui um clima favorável e uma vegetação variável para a criação das abelhas e produção do mel de qualidade, sendo a mesma composta de mata nativa, voltada para agricultura familiar com pequenos criatórios de animais. Portanto com a chegada desses produtores, ocorre a vinda de outros criadores de abelha que se fixaram aqui em busca de uma vida melhor. Inicialmente essa atividade era exercida por meio de práticas tidas como rudimentares, sendo o mel comercializado sem agregação de valores, mas com o crescimento do ramo por volta da década de 80, ocorre o desenvolvimento de novas praticas de extração, assim como a comercialização do mel.

Com a chegada desses novos produtores, vários olhares começam a se voltar, ocasionando o despontar de vários órgãos destinados ao setor. Dentre estes, pode-se destacar as cooperativas, e a vinda de indústrias para região, que segundo as mesmas atuam proporcionando o desenvolvimento do setor. As cooperativas surgem como entrepostos de recebimento e venda do mel, ajudando os associados no transporte, extração e comercialização do mel e derivados, combatendo os atravessadores e produzindo um produto de qualidade, destinando-o tanto ao mercado interno quanto externo, segundo dados da CAMPIL. Ainda propiciam a seus associados cursos e palestras de boas práticas na realização da apicultura com intuito de inseri-los dentro dessas novas exigências mercadológicas, ocorrendo assim à profissionalização por parte dos apicultores.

Dando continuidade se investiga a vida dos trabalhadores com as abelhas, partindo dos seus relatos e memórias, analisando as mudanças que a atividade ocasionou nos seus modos de vida e relações sociais. Estes através de relatos descrevem as mudanças vividas e sofridas

³Jornal Macambira. Fevereiro de 1982

na vida e realização do seu trabalho, os impactos da atividade, as mudanças e as dificuldades enfrentadas na realização da mesma.

É a partir das suas narrativas que se passará a entender a realidade acerca do trabalho, relações sociais e modificações sofridas pelos apicultores ao longo do tempo. Logo as narrativas orais foram importantes para a construção dessa atividade, onde as proposições impostas por Marco Aurelio Santana⁴, Alessandro Portelli⁵, Yara Aun Khoury⁶ foram imprescindíveis para compreensão das experiências vividas por cada apicultor.

Marcos Aurelio Santana em sua obra “Militância, Repressão e Silêncio: Relato de uma Experiência com a Memória Operária” enfatiza a utilização das fontes orais com foco nas relações estabelecidas entre o entrevistador e entrevistado, que é de grande importância para o desenvolvimento do trabalho em questão. Ele aborda as maneiras e procedimentos necessários para a realização das entrevistas, dando destaque as dificuldades na efetivação desse método, principalmente quando se trata de indivíduos que passaram por experiências limites. Contudo apesar das dificuldades, afirma que as utilizações das entrevistas orais servem para preencher as lacunas deixadas por outras fontes documentais.

A relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado é um dos pontos mais ricos na experiência com a história oral. Esta relação em um contexto de geração o relativizar as posturas mais rígidas sobre a separação entre o sujeito e o objeto no campo da pesquisa. Grande parcela da força deste procedimento vem do fato de que o uso do testemunho oral possibilita ao pesquisador o acesso a perspectivas e nuances que podem estar de fora do seu alcance a partir de outras fontes documentais⁷.

Alessandro Portelli em seu texto “A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e significado nas memórias e nas Fontes Orais” também frisa a realização de pesquisa a partir da utilização das fontes orais destacando as possibilidades de compreensões acerca de um determinado fato, dando significações às subjetividades e experiências desses trabalhadores, onde coloca em destaque o trabalho com as palavras, as memórias e a consciência, bem como as interpretações dos fatos partindo das narrativas apontadas pelos próprios indivíduos que tomam uma dimensão mais abrangente, constituindo uma medida subjetiva de realidades

⁴ SANTANA, Marco Aurelio. **Militância, Repressão e Silêncio: Relato de uma Experiência com Memória Operária**. História Oral. São Paulo. V.3

⁵ PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro: vol.1, n.2, 1996.

⁶ KHOURY, Yara. **Narrativas Orais na Investigação da História Social**. Projeto Historia. Revisita de Estudos Pós- graduados de História, São Paulo, SP, v.2, p. 79-103, jun.2001.

⁷ SANTANA, Marco Aurelio. Op. Cit. p. 35.

históricas, “ou seja, em que medida a subjetividade de seus narradores pode ajudar a delinear uma subjetividade mais ampla”⁸.

Partindo dessa análise Yara Aun Khouri em seu artigo “Narrativas orais na investigação da História Social” também dar sentido as subjetividades dos sujeitos históricos. Khouri retrata o homem a partir das suas narrativas, como pessoas vivas, configurando elementos relevantes para a constituição de uma história marcada pela pluralidade, dialogando com o passado a partir do presente.

Indagando sobre o lugar que diferentes sujeitos vêm ocupando nesses processos, dialogamos com o passado a partir de uma concepção de presente, permeado por uma perspectiva de reconhecimento das diferenças e direito de participação de todos nos destinos sociais⁹.

Edward P. Thompson em sua obra “A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão”¹⁰ ira contribuir para o desenvolvimento desse trabalho com sua reflexão sobre a experiência dos trabalhadores dentro e fora do mundo do trabalho. Em sua pesquisa Thompson analisa a formação e o cotidiano dos trabalhadores ingleses no século XIX. O autor ira descrever os modos de vida e experiências desses trabalhadores ao longo dessas transformações sociais, bem como as condições sociais diante desse contexto da criação do sistema fabril, visto como progresso e sua opressão, destacando o estabelecimento dos trabalhadores nos centros urbanos, padrões e experiências de vida, como consumo, vida, moradia, saúde e outros setores da vida social, sendo que o mesmo irar demonstrar que esses indivíduos não ficaram estáticos diante dessa repressão, mas se mostraram sujeitos vivos na luta contra o sistema inglês na época.

Sidney Chauloub¹¹ relata em “Visões da Liberdade” que E. P. Thompson voltado para uma análise historiográfica, partindo de um novo olhar e novas formas de fazer a história social propõem uma discussão acerca de fatos culturais e ideológicos também inerentes ao social, abordando novas possibilidades do fazer histórico, propondo a relação com outros campos como a antropologia. Ao mesmo, tempo nos apresenta os cuidados a serem tomados

⁸ PORTELLI, A. **A Filosofia e os fatos**. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro: vol.1, n.2, 1996. p. 7

⁹ KHOURY, Yara. **Narrativas Orais na Investigação da Historia Social**. Projeto Historia. Revisita de Estudos Pós- graduados de Historia, São Paulo, SP, v.2, jun. 2001. P. 80

¹⁰ THOMPSON. Edward Palmer. **A Formação da Classe Operaria Inglesa**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

¹¹ CHAULOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: Uma Historia das Ultimas Décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

com os conceitos, que “só seriam realmente úteis a historiografia se revestidos de uma ambivalência dialética”. Ainda expõe Chauloub:

As reticências de Thompson, neste artigo de 1977, sobre as possibilidades de analisar o processo histórico, levando-se em consideração o caráter também instituinte de fatos culturais e ideológicos, podem ter sido apenas uma estratégia de momento. Afinal, tratava-se de um trabalho sobre sociedades “governadas pelo costume”, e tudo indica que Thompson tinha então a missão de dizer algo sobre a importância do folclore para a história social. O fato, todavia, é que por ocasião do artigo de 1977 Thompson já havia publicado textos importantes encarando o problema de análise das mudanças históricas através da reconstituição dos conflitos ocorridos em torno de diferentes normas e valores, ou dos conflitos originados a partir de diferentes usos e interpretações dados a significados sociais gerais. (CHAULOUB, 2011, p. 25)

Então se valendo das discussões sobre as novas abordagens acerca da história social, E.P.Thompson, historiador celebre por deixar um grande legado, por retratar as lutas dos trabalhadores, propôs à historiografia social uma nova análise dos fatos. Pretendeu reconstruir a história das classes trabalhadoras por meio dos significados, experiências de vida e luta.

No primeiro capítulo deste será discutido as bases da apicultura e as experiências vividas pelos apicultores na cidade desde 1980. Começará pela chegada dos primeiros produtores de abelha e sua instalação, bem como o crescimento da atividade com a criação das cooperativas e apoio das instituições através da realização de projetos, discutindo também as mudanças que essa ocasionou na vida desses produtores. Inicialmente, abordar-se-á, a necessidade de discutir o olhar dos agentes que investiram no setor, evidenciando a importância destes como colaboradores no desenvolvimento desse ramo na região. Posteriormente, serão discutidas as experiências de vida dos trabalhadores que entraram na apicultura no contexto do ápice da produção do mel, evidenciando os aspectos e mudanças a cerca dessas experiências, finalizando com a discussão das criações dos projetos que deram as alicerces necessários para a constituição do terreno ideal ao desenvolvimento apícola.

No segundo capítulo será analisada as vivências e experiências desses trabalhadores. A partir das narrativas feitas através de entrevistas, será destacada a realidade de vida dos pequenos apicultores apontando a variedade de sujeitos, mostrando os fatores que os levaram a se inserirem no ramo, suas formas de trabalho, as permanências e desistências da atividade. Em seguida serão enfatizadas as mudanças nas condições de vida destes, procurando destacar o trabalho dos mesmos na criação das abelhas e as transformações que isto lhes proporcionou social e economicamente, ressaltando assim seu modo de vida, os impactos da atividade e as dificuldades enfrentadas na realização da apicultura nos dias de hoje.

1 PICOS: A TERRA DE PROMISSÃO DA APICULTURA

A problemática da experiência dos sujeitos históricos que se dedicaram à apicultura em Picos e se beneficiaram, e as transformações sofridas pela cidade, é o objetivo desse capítulo. Na verdade, vontades, projetos, aspirações sobre o futuro, muitos almejando isto ficaram pelo caminho, abandonando a apicultura. Outros deixaram para trás algumas dificuldades e obstáculos e seguiram em frente. Porém, todos tiveram que lidar com os desafios de seu tempo, com os desafios do sertão, com os limites econômicos, com os discursos e poderes desde as instituições financeiras aos órgãos do Estado, com as articulações políticas e a própria natureza que os desafiava.

A partir desse viés, procurar-se-á destacar esses fatos a começar pela chegada dos criadores de abelha e sua instalação, bem como o desenvolvimento da atividade a partir da introdução das cooperativas e apoio das instituições através de projetos, discutindo também as mudanças que esta ocasionou na condição desses produtores. As fontes analisadas permitiram perceber um olhar positivo dos agentes financeiros e políticos que sempre procurou destacar a importância a respeito da História do trabalho apícola e sua contribuição para o desenvolvimento na vida do apicultor e da região. Isto porque, partindo de nosso presente, encontramos o discurso predominante que faz de Picos a “Capital do Mel” no Brasil. Este novo “El Dourado”, descoberto ou conquistado, que anuncia a grandeza dos empreendimentos econômicos.

Antes da chegada desses novos criadores de abelha à cidade de Picos, como todo estado do Piauí, a economia da região era marcada pela agricultura familiar que convivia com a mata nativa. A extração do mel era feita a partir de técnicas ditas rudimentares se comparadas à apicultura comercial. Aquela prática visava o consumo próprio, contribuindo na economia doméstica que se baseava também na agricultura de feijão, milho e mandioca; a pecuária e o comércio varejista.¹²

A apicultura só posteriormente passa a assumir um papel importante na economia do município nos anos 1980 e 1990. Assim, transforma a cidade num dos mais importantes centros produtores de mel do estado e da região nordeste, sem falar que “*após o avanço da*

¹² HISTÓRIAS de Sucesso: Agronegócio: Apicultura. Org.: Renata Barbosa de Araújo Duarte. Brasília: SEBRAE, 2006

*apicultura no território, muitos agricultores se tornaram apicultores, aumentando de forma significativa, a renda da família com melhorias nas suas condições de vida*¹³“.

Apicultores do sul e sudeste do país se fixaram aqui, atraindo os interesses de outros novos e instituições locais, estabelecendo-se a troca de ideias que repercutiu no aumento da criação de abelhas. Para alguns, a produção de mel se tornou um dos principais meios de vida e sustento. Para a cidade, obviamente, gerou um fluxo maior de capitais na sua economia.

A memória presente na imprensa do período, segundo registra o jornal Macambira, a atividade apícola surgiu em Picos na década de 1970 com a família Wenzel, que implantou a produção apícola na região em virtude do clima e da vegetação. Na década 1980, a apicultura da família Wenzel se encontrava em primeiro lugar no Nordeste, conforme afirma o jornal Macambira – que é um dos primeiros agentes a se engajar na construção de uma interpretação e, logo, de uma memória sobre a apicultura na região.

Com a chegada e instalação dos apicultores no município, ocorre um crescimento da atividade, que passa a contar com a participação de agentes financeiros como Banco do Brasil e o Banco do Nordeste, além de cursos de capacitação, seminários e palestras e projetos voltados para o setor. Alguns apicultores e agentes financeiros atribuem as cooperativas à profissionalização do setor, voltando-se para a produção e certificação por meio do ministério da agricultura com o SIF, da promoção da produção de mel orgânico, do abandono das antigas práticas extrativistas, portanto, da profissionalização da apicultura.

A atuação dos primeiros produtores e das instituições na cidade ocasionou mudanças significativas no modo de produção e no modo de vida dos produtores, sobretudo no que diz respeito às relações sociais e às técnicas de trabalho. De certo modo, a identidade piauiense, melhor dizendo picoense, passou a ser inserida de modo significativo na atividade apícola. Afinal, o título de “capital do mel” se tornou slogan aplicado à cidade de Picos, por ser a maior região produtora de mel, onde se “*concentra um grande número de apicultores*”¹⁴”.

Logo a cidade de Picos foi reconhecida com esse título pela Revista de circulação nacional Globo Rural (Abril/94) e pelo programa de TV Globo Rural (Dez/95) da Rede Globo. Informação presente na monografia de Aylla Mara Caminha Luz¹⁵, cuja fonte do dado estava contida no site da Prefeitura Municipal de Picos. Não pudemos confirmar esta

¹³FAÇANHA, Antonio Cardoso. **Apicultura no Piauí e o Desenvolvimento Territorial**. In: ENG, XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 16, 2010, Porto Alegre- RS. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Crise, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e esperança Espaços de dialogo e prática. Porto Alegre, 2010. p. 1.

¹⁴ Depoimento de Luís Raimundo Martins. Picos, 17/01/14

¹⁵ INTRODUÇÃO, In: **Cine Spark: Memória, lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**. Picos, 2012. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/picos/arquivos/files/TCC%20-%20AYLLA%20-%20FINALIZADO%20TOTALMENTE.pdf>>. Acesso em: 04 de junho. 2013

informação, pois foi retirada do referido site. Contudo a imagem de “Capital do Mel” é muito presente nos dias atuais, como demonstra a FIGURA 1.

Para muitos apicultores o título atribuído à cidade está diretamente ligado aos fatores naturais. Como foi mencionado pelo apicultor Antônio Barbosa, Picos possui um potencial natural com clima favorável e uma flora bastante diversificada, o que a difere de outros lugares, dando assim as bases necessárias para a realização da atividade.

A Capital do mel, Picos, é conhecida assim, porque essas outras localidades, que a gente coloca as abelhas, outros estados, é porque tem uma florada e Picos têm três tipos de floradas. A gente temos o marmeleiro, o angico, temos o caju, temos a florada da vassourinha e de canelo de velho. Então nós temos seis tipos de floradas em Picos, aí ela é conhecida como capital do mel, porque como a abelha pode produzir dois meses em outro estado, ela pode produzir seis meses em Picos viu?¹⁶

O título dedicado à cidade de Picos é também utilizado pelos representantes da cidade e pelos cidadãos como forma de identidade e orgulho. É o título “capital do mel” uma referência ao cidadão, uma forma de identificação da cidade e atribuição ao sentimento de pertencimento aquele município que com a produção do mel se torna o expoente do cidadão picoense.

Olha, aí é grande é uma participação grande, porque você ver que quando o estado ganha, quando o município ganha, como nós temos um título aí, que nos orgulha muito, a nos apicultores de Picos, por Picos ser a capital do mel. Então você ver que de certa forma o município de Picos ganha com isso. Porque você ver, que isso é um reconhecimento nacional, um reconhecimento estadual, que lá você chega lá em São Paulo, você chega lá fora e diz: Há a capital do mel é Picos Piauí, fica lá no Piauí. Porque diante da quantidade de apicultores do estado do Piauí, do número de colmeias, centrado na cidade de Picos, é que dá esse título, é que dá essa coisa.¹⁷

Em relação a divulgação, a cidade de Picos é marcada por placas, propagandas, festividades como Caju Fest Mel e outros. A figura abaixo mostra a entrada da cidade com a placa de bem-vindo a Picos e ao mesmo tempo informa onde se chegou. Podemos supor que ela não se dirige apenas aos visitantes, mas também, aos próprios moradores da cidade.

¹⁶ Antônio de Moura Barbosa, Picos, 16/04/2014.

¹⁷ Luís Raimundo Martins, Picos, 17/01/2014.

Figura 01: Placa de Boas Vindas a Cidade de Picos em 2014



Fonte: via de acesso ao centro comercial de Picos, Picos, 2014. (Maria Lidiany)

A região se caracteriza por apresentar um clima adequado e uma variedade de floradas, proporcionando um ambiente ideal para o desenvolvimento da atividade apícola. É o que expõe Antônio Cardoso Façanha ao analisar a vegetação do estado do Piauí. Ele destaca que *“A ampliação da atividade da apicultura possui uma base natural. A localização do estado em uma faixa de influência da Floresta Amazônica, do Planalto Central e do semi-árido contribui para uma maior diversidade do quadro natural que propicia as condições ideais para a Apicultura.”*¹⁸

Com isso, apicultores de vários estados se fixaram em Picos. Atraídos pela ideia do crescimento, viram o terreno favorável para melhorias de vida e trabalho, desenvolvendo a atividade da apicultura. Logo, era uma atividade rentável e prazerosa que não exigia no início muita técnica e experiência, sendo considerada de inclusão social, ao mesmo tempo em que promovia o crescimento da área e do mercado consumidor do mel.

Essa atividade não apresenta barreiras de entrada; o investimento e a tecnologia aplicados na coleta e processamento do mel até 2006 não requeriam muita sofisticação; além disso, o meio ambiente favorável permitia que qualquer empreendedor vislumbrasse desenvolver atividades nesse setor. Por conta disso a apicultura passou a ser um setor de inclusão social, alternativa para que muitas pessoas sem emprego e renda melhorassem de vida com uma atividade agradável e

¹⁸ FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Apicultura no Piauí e o Desenvolvimento Territorial**. In: ENG, XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 16, 2010, Porto Alegre- RS. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Crise, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e esperança Espaços de dialogo e prática. Porto Alegre, 2010. p. 2.

de impacto ambiental positivo, haja vista a abelhas necessitam da flora bem conservada¹⁹.

Encontramos no ano de 2007 as primeiras fontes que indicam mudanças no setor econômico, político e social, devido ser uma atividade atrativa, atraindo olhares tanto de novos produtores como dos que pretendem aplicar no setor como os órgãos financeiros (Banco do Brasil e Banco do Nordeste), políticos (De todas as esferas políticas), pesquisa (UFPI, CEFET, UESPI, EMBRAPA), capacitação profissional (CODEVASF, EMBRAPA-MEIONORTE, EMATER, SENAI, SENAR, FEAPI) voltando-se para o aperfeiçoamento das práticas de criação, colheita e extração do mel.

Sobre o período de implantação da apicultura em Picos, o jornal Macambira registra que:

Segundo dados obtidos a apicultura da Família WENZEL está em primeiro lugar no Nordeste no que se refere à produção de mel e quantidade de abelhas [...]. Ao todo possuem 16 apiários, contendo cada um 80 colmeias, obtendo uma produção anual de 70 quilos de mel por colmeia. Significa que produzem cerca de 90 toneladas de mel por ano. Dessa produção grande parte é fornecida a SUPER BOM em São Paulo²⁰.

Interessante notar que mesmo para a imprensa a apicultura não tinha um caráter impessoal ou empresarial. O jornal se refere à “apicultura da família WENZEL”. Seja por um valor moral inerente à cultura local – no nordeste a família é valor e referência nas relações sociais – ou por uma empatia editorial com tal família, podemos supor que muitas outras famílias contribuía na expansão da produtividade melífera. É da atuação das abelhas e do trabalho dos apicultores que surgiu um dos principais ramos no desenvolvimento econômico do município. Afinal, havia um esforço nesse sentido, a favor da expansão da apicultura. Segundo o mesmo jornal, de 1982, “*em favor da apicultura podemos garantir que a implantação da mesma aqui em Picos só trará benefício para esta região*”. Mesmo a imprensa já se mostrava engajada em mostrar os benefícios da implantação da apicultura em Picos.

O Jornal Macambira na década de 1980 já mostrava interesse no desenvolvimento da atividade. A propaganda acerca dos benefícios trazidos pela criação de abelhas, já registravam também a importância delas como um dos principais meios de fecundação das flores e ajuda

¹⁹DUARTE, Renata B. de A.(org.). **Histórias de Sucesso: agronegócios: apicultura**. Brasília: SEBRAE, 2006. p.3-4

²⁰ Jornal Macambira, fevereiro de 1982.

nos trabalhos desenvolvidos na agricultura. Uma prioridade nem tanto pelo seu caráter ecológico, mas principalmente útil para a formação do lucro.

APICULTURA: MODO CERTO DE AUMENTAR A PRODUÇÃO E LUCRO

Dizer do valor da apicultura no mundo é falar do mel como alimento de importância fundamental para humanidade, que proporciona expressiva fonte de receita para os países que se dedicam a atividade [...] A apicultura representa mais do que fonte direta de produção de receita. Sua principal importância deve-se ao fato de constituir-se em um fator de aumento da produtividade agrícola, pelo papel que a abelha desempenha na fecundação das flores.

Podemos tomar como exemplo, uma plantação de maçã nos Estados Unidos. Essa plantação com idade de 8anos produzia uma média de 1.500 caixas de maçã por ano é, após ser introduzia uma criação de 40 colmeias, teve sua produção aumentada para 5.250 caixas por ano, isto é, sofreu um aumento de 3.5 vezes sobre a produção inicial.²¹

Outro fator que podemos destacar é a alta produtividade do mel associada à qualidade. Por ser uma região de agricultura familiar, com pequenas plantações e criação de gado, dado apresentados durante as entrevistas, não se fazia necessário o uso de agrotóxicos. Era um ambiente perfeito para a instalação das colmeias, tanto em Picos, como em todo estado, daí percebe-se como surgiu e o porquê do interesse em investir na área, tornando-se necessárias, políticas de investimento no setor.

Outro aspecto que contribuiu para o desenvolvimento da atividade melífera, foi a forte presença e atuação das organizações públicas, não governamentais e organizações privadas, que começaram a ver a região como polo rentável voltando seus investimentos para o desenvolvimento, assistência técnica, gerenciamento do setor apícola, a melhoria na qualidade do mel, organização e capacitação dos trabalhadores rurais da apicultura, transformando-a de “predatória” em “profissional” destinada para um mercado mais amplo. Os agentes envolvidos sempre destacam a abrangência da atividade no mercado principalmente externo, segundo dados do governo estadual e SEBRAE.

Assim, produtores especializados, isolados ou em associação, podem incorporar mais um elo da cadeia produtiva, ampliando as atividades além da produção animal, no sentido das indústrias, em micro e pequenos empreendimentos. O arranjo surgiu desses pequenos empreendimentos, normalmente informais, no contexto da “explosão do doce”, ocorrida nos anos 80.

Em Picos, o trabalho e o exemplo dos apicultores especializados imigrantes e atuações dos órgãos estaduais e das ONG’S ampliaram as vantagens comparativas da cidade, tais como a posição central em relação à região produtora da matéria-

²¹ Jornal Macambira, março de 1983.

prima, aquela época ainda predominantemente extrativista, bem assim a função histórica de centro comercial regional, reforçada pela de infra-estrutura de transportes, energia e comunicações, a partir dos anos 70.²²

Logo, é a partir das informações e análises obtida na coletânea desenvolvida pelo SEBRAE sobre o assunto, que se passará a referendar a noção de que foi graças à introdução desses novos atores que ocorreu o crescimento da atividade na região. Embora a “função histórica do centro comercial regional” já estivesse colocada. *“Com a chegada desses novos produtores e o apoio dessas instituições, a produção de mel passou de artesanal para profissional. O crescimento da atividade apícola resultou em trabalhos cooperativos e de associativismo²³”*. Percebe-se, contudo a atribuição de créditos destinados aos produtores e as cooperativas nas mudanças na técnica de extração do mel, antes vista como artesanal e atrasada, passando a ideia de evolução, como se a atuação desses produtores desencadeasse no surgimento das cooperativas, como se estas fossem o combustível para evolução dando legitimidade ao poder das mesmas e dos grupos dirigentes dela, atribuindo a esses sujeitos o crescimento definitivo do setor na região.

Contudo, partindo da experiência de alguns apicultores é que se passará a compreender melhor o desenvolvimento ocasionado pela atividade da apicultura na região de Picos. Apontando inicialmente os aspectos do trabalho dos produtores que se introduziram na atividade apícola no período de expansão da apicultura.

Eu vim primeiro aqui conhecer o Piauí. Na época que eu vim aqui, eu vi muito mel, o pessoal tirava uma abelha numa loca de pedra, tirava dez latas de mel, um tambor de mel, numa abelha só... Eu cheguei a produzir aqui, uma colmeia deu 200 quilos de mel por caixa, eu tinha 350 enxames. Eu tirei 200 quilos, oito latas de mel²⁴.

Essa é a memória do Senhor José Roberto Ravin, apicultor, natural do estado do Paraná, 61 anos de idade, que mora no povoado Mirolândia. Ele veio ao Piauí em 1982 na busca de uma melhor condição de vida e por ser um lugar propício que estava dando condições necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho, o mesmo foi atraído à cidade que já ganhava fama por ser um lugar ideal pra o crescimento da apicultura.

²²GOVERNO ESTADUAL. Grupo Gestor Estadual De Arranjos Produtivos Locais. Plano de Desenvolvimento Do Arranjo Produtivo Da Apicultura Do Território De Picos Piauí. Disponível em:<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247146890.pdf>. Acesso em: 04 de Junho. 2013.

²³DUARTE, Renata B. de A.(org.). **Histórias de Sucesso**: agronegócios: apicultura. Brasília: SEBRAE, 2006. p. 9.

²⁴ Depoimento de José Roberto Ravin. Picos. 15/02/14

Ao descrever os aspectos naturais acerca da abundância do mel no Piauí, o senhor Roberto Ravin nos passa uma ideia de grande produtividade do mel na década de 80, como se estivesse diante de uma mina de ouro. Os espanhóis e portugueses também tinham ideias exageradas sobre as promessas de novo mundo, e assim como os mesmo, o senhor José Roberto no sertão nordestino especula em seus relatos esta diante de um grande potencial de riqueza.

O senhor Roberto Ravin deixa claro que veio residir em Picos em busca de “*um lugar que produzisse muito mel*”, ressaltando que sempre teve apreço em trabalhar com as abelhas. Seu pai, no Paraná, já praticava a apicultura e por sua influencia ou dele também investiu no ramo, sendo que seu pai permaneceu no Paraná e ele veio para Picos em 1982, em busca de um lugar ideal para criação de abelhas e melhoria de vida.

Olha, eu só não nasci dentro da caixa de abelha, mas quando eu nasci meu pai já era apicultor. Meu pai começou a trabalhar com abelha no Paraná, ai ele ficou pra lá e eu vim aqui pro Piauí. Cheguei aqui em 1982 e estou até hoje aqui. Toda vida eu gostei de abelhas. Ai eu queria procurar sempre um lugar que produzisse muito mel, ai eu vim pro Piauí²⁵.

O senhor Roberto Ravin nesse período se dedicou exclusivamente a apicultura, sem realização de outra atividade. Com sua vinda e fixação na cidade de Picos, ele descreve que quando se instalou no município possuía em média 350 enxames. Ele conta que “*no começo a atividade da apicultura foi muito bom*” sua vida melhorou bastante e ele chegou a possuir 1200 caixas. Ele relata que começou do vermelho no ramo apícola, mas com a instalação das caixas em Picos, sua vida melhorou de forma significa, contando que passou a adquirir vários bens como casa, terra e carro proporcionando uma vida melhor e confortável a sua família.

O senhor Roberto Ravin afirma que para a realização da atividade apícola sempre contou com a participação familiar, onde antes ajudava seu pai e agora conta com apoio dos filhos no trabalho apícola. Também contou com ajuda de cooperativa, onde é associado e um dos fundadores da CAMPIL, que é a primeira cooperativa apícola a ser constituída em Picos.

O entrevistado relata que era muito novo quando se associou á CAMPIL, tinha por volta de 29/ 30 anos, era ativo e participava das reuniões, descrevendo-a como um aspecto positivo na sua vida. Roberto Ravin ressaltou que a cooperativa o ajudou ao proporcionar aulas sobre a atividade da apicultura e venda do mel. No entanto, “*as cooperativas traziam técnicos para dar aula de apicultura*”. Aponta assim o caminho de sua profissionalização,

²⁵ Roberto Ravin. Op. Cit.

acrescentando “*que a pessoa nunca aprende tudo no trabalho com as abelhas, mas vai se aperfeiçoando*”.

As “aulas de apicultura” possivelmente aperfeiçoaram suas técnicas de manuseio: transporte das caixas para a comercialização do produto, onde o apicultor depositava o mel e “*a cooperativa ficava encarregada de procurar o comprador e repassar o dinheiro para o apicultor*”. Informa que a cooperativa não recebe o mel “*exprimido*”, ou seja, cheio de pó e sujeira, a qual cuidados não foram tomados no momento da colheita do mel. “*Aceitando somente o mel centrifugado*”, ou seja, “*que tem brilho*”, que foi extraído por meio de utilização das técnicas e indumentárias necessária para realização da atividade.

Com a realização da apicultura migratória, atualmente o senhor Roberto Ravin relata que no Piauí esta é caracterizada pela migração das caixas. Ele nos conta que tem caixas em diversos lugares, destacando que o trabalho do apicultor é voltado para migração como forma de manter a produção o ano inteiro.

A gente trabalha com abelhas aqui no Piauí, a gente trabalha com migração. Ai vai pro Ceara e Pernambuco. A aquela região do Crato, ali no Cariri, Serra do Araripe e Pacajus. A gente trabalha com migração, muda a abelha quando termina a safra, de um lugar muda pra outro, ai continua produzindo o mel de novo²⁶.

Contudo, deixa claro que hoje não possui muitas colméias, conta apenas com 300. Devido à falta de chuva e à concorrência pelo ambiente natural, as abelhas estão morrendo. Ele coloca que, nos últimos quatro anos, foi perdendo tudo que tinha conseguido com a apicultura, relatando que já foi um grande apicultor. Ainda diante dessa perda, em sua narrativa mostra a expectativa de dias melhores, pois apesar dos problemas enfrentados, a apicultura “*salvou*” a vida de muitos sitiante em Picos. Hoje este se encontra aposentado, mas continua realizando a apicultura. Ao relatar sua vida, mostra a satisfação no trabalho que desenvolveu durante toda sua vida e os benefícios que a apicultura lhe proporcionou.

Assim como o senhor Roberto Ravin, o Senhor Luís Raimundo Martins também fazia uso da cooperativa como apoio na realização do seu trabalho. Apicultor, associado da COOAPI²⁷ e atual presidente da mesma, nos conta as transformações ocasionadas pelas cooperativas aos apicultores em Picos, onde aponta que houve uma facilitação no manejo e comercialização do mel:

Ajudou muito, e muito! Ajudou muito! Porque como você sabe antes das cooperativas, é antes desse mecanismo que se tem hoje, que facilita muito, que ajuda

²⁶ Roberto Ravin. Op. Cit.

²⁷ COOAPI (COOPERATIVA APICOLA DA GRANDE PICOS), fundada em Picos. 1995

muito na apicultura as pessoas tiravam mel, digamos assim, à mão e como se diz aquela coisa toda vida ele tirava à mão, ele fazia as suas colmeias muitas no início nem tinha colmeia tirava direto do oco da madeira do pau lá na roça. Depois ele passou a fazer de uma forma assim bem grosseira aquelas caixas, aquela coisa toda, e tirava esse mel de todo jeito, prensada à mão. Fazia aquela coisa toda. Depois as cooperativas, depois dessas reuniões, dessas parcerias junto a SEBRAE, a CESCOP, com toda uma orientação, com toda uma estrutura, o apicultor ganha de várias maneiras. Ele ganha como se diz, porque ele vai trabalhar sem judiar a abelha, sem maltratar a colmeia, o enxame. Ele vai ter uma produção maior, ele tem uma produção bem maior porque, invés dele tirar mel prensado a mão que ele ia cortar o favo, ia cortar aquela coisa toda, ele tira a base da mecanização, de máquinas, que tira sem perder aquela certidão, uma rapidez bem grande para a abelha repor o mel já naquele favo pronto, que antes ele perdia aquilo, ta entendendo?²⁸

O senhor Luís Martins evidencia as mudanças nas técnicas e manejo no trabalho com as abelhas, destacando o papel das cooperativas. “Aquela coisa toda” se refere a um tempo anterior às cooperativas e “sem judiar a abelha” atribui-se as mudanças na técnica de extração, que antes os trabalhadores apícolas realizam sem se preocupar com os danos naturais. Refere-se, então, a um conjunto de práticas consideradas predatórias. Assim procura demonstrar a evolução trazida pelas entidades como a COOAPI, da qual é presidente e seus parceiros. De fato podemos crer que as cooperativas ofereceram o suporte necessário a muitos apicultores, mas as antigas práticas ainda permanecem na vida de muitos trabalhadores apícolas que sem condições necessárias, conhecimento ou mesmo falta de apoio de entidades como as cooperativas que estão mais preocupadas com os lucros, continuam realizando uma apicultura amadorística.

E essa questão da organização, da administração principalmente de facilitar por que se você antes era um apicultor que tinha mais enxame, mais colmeias, você tinha uma preocupação muito grande com vasilhas para guardar para colher esse mel pra fazer aquela coisa, muitas vezes você se obrigava. Você tomava muitas vezes emprestado de alguém, de algum amigo, de outra pessoa, e por essa necessidade de devolver o material você se obrigava a vender às vezes por preço até irrisório. E hoje, depois das cooperativas, que elas têm o material, facilita e tudo. Pra o associado, aí não tem uma garantia porque a cooperativa, ela sempre busca essa questão de um capital de giro, que é muito difícil. Mas ela busca por ter uma coisa porque a apicultura, como eu disse antes, ela tem muito despesas. Quando o apicultor vem, chega com o mel ele já chega enforcado, ele já precisa de qualquer coisa, mas às vezes, é, principalmente quando era antes na base do atravessador que ele forçava, pois você não tinha escolha. Mas hoje já com um núcleo, com a cooperativa que já tem mais condição, essa coisa dá essa facilidade, essa abertura ao apicultor, que facilitou e muito essa questão das cooperativas [...].²⁹

Nota-se na fala do senhor Raimundo Martins as modificações e aperfeiçoamentos nas técnicas de manejos e extração do mel ao longo do tempo, dando ao processo de mecanização e regularização um olhar positivo arquitetado pelas cooperativas no desenvolvimento da

²⁸ Luís Martins. Op. Cit.

²⁹ Idem.

apicultura. Ao relatar o cuidado com as abelhas, ficam evidentes as relações do homem rural com seus animais, como uma forma de manter e preservar seu meio de trabalho e o ambiente em que vive, pois a apicultura é uma atividade claramente ligada aos meios naturais, que necessita ser preservado, onde além do valor moral, esse cuidado é também associado ao apreço que o apicultor adquiriu pelas suas abelhas, mostrando que “*é bom trabalhar com elas*”, pois “*toda vida gostou de trabalhar com abelhas*”³⁰.

Aborda também as consequências da criação das cooperativas na cidade, destacando que graças ao grande número de apicultores e colmeias é que ocorreu o desenvolvimento econômico e político em Picos.

A cooperativa, segundo o senhor Luís Martins, surge como a grande definidora na união e defesa dos interesses dos apicultores, assim como no desenvolvimento de uma cultura de incentivo. Diante dessa cultura, a cooperativa proporciona aos trabalhadores apícolas a valorização do seu trabalho e do produto apícola que destina ao mercado, fazendo valer uma maneira mais eficiente para realização do trabalho do apicultor, a partir da introdução de novas técnicas.

Luciano de Souza Costa em seu artigo, “O cooperativismo: Uma Breve Reflexão Teórica” aborda que de todas as doutrinas difundidas no século XVIII e XIX, as cooperativas se apresentam como uma forma particular de luta contra a opressão imposta, definindo o cooperativismo:

O cooperativismo é, portanto, um movimento social produzido por um determinado período do capitalismo, mais precisamente final do século XVIII e início do século XIX, período no qual o conflito entre capital e trabalho atingiu o seu ápice, e as péssimas condições de vida da classe trabalhadora fizeram com que os homens como Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), Benjamin Buchez (1796-1865), Louis Blanc (1812-1882), entre outros, que compunham a corrente socialista utópica, viessem a propor um ideal alternativo ao individualismo (cooperativismo) e uma organização alternativa a empresa capitalista (a cooperativa). É a partir desses homens que a classe trabalhadora começa a se organizar e a reivindicar melhor organização de trabalho e vida. Daí surge às associações, os sindicatos, partidos político da classe trabalhadora, e, em particular, as cooperativas.³¹

Partindo dessa discussão pode-se evidenciar que as cooperativas têm por finalidade reunir os profissionais da apicultura, promovendo a união e defesa dos interesses comuns,

³⁰ Luís Martins. Op. Cit.

³¹ COSTA, Luciano Sousa. O cooperativismo uma Breve Reflexão Teórica. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VISeminario/Artigos%20apresentados%20em%20Comunica%E7%F5es/ART%207%20-%20O%20cooperativismo%20-%20uma%20breve%20reflex%E3o%20te%F3rica.pdf>>. Acesso em: 04 de junho. 2013. p.5.

garantindo o desenvolvimento sustentável ao longo dos tempos, tendo como objetivo geral, (segundo o Presidente da COOAPI, Luís Raimundo Martins,).

“Melhorar condição de vida dos seus associados”, ou seja, promover a comercialização, ocasionando o desenvolvimento da apicultura, com instalação e funcionamento de uma base industrial, que ao receber o produto, o analisa e padroniza, para posterior envio para o mercado interno e externo, promovendo o beneficiamento do mel e melhorias ao apicultor, sendo associado ou não, agregando valor ao produto³².

Os indivíduos que fazem parte da cooperativa, “*profissionais da apicultura*”³³, são os associados e cooperados, onde o Presidente da COOAPI (Cooperativa Apícola da Grande Picos) designa como associados àqueles que se filiaram à Cooperativa e estão ligados as questões administrativas da mesma, tendo como atividade principal a apicultura. Enquanto os cooperados são aqueles que cooperam sem participação ativa dentro dessa sociedade, e possuem outra atividade, como se percebe em seu discurso:

É... Os associados são essas pessoas que tem as abelhas, que tem as coisas e que fazem parte desta ata, ou seja, desta aprovação em assembleia geral. Como se diz, para ser associado ele em primeiro lugar ele tem que ser apicultor, tem que ser criador de abelha de fato [...] Tem os cooperados que é aquelas pessoas que também tem abelha, mas assim, ele tem mais de uma atividade extra como se diz ele usa a abelha porque gosta por que... Mas não é o ramo principal dele, ai ele se torna um cooperado por que ele bota o mel na cooperativa, ele pega um vasilhame da cooperativa essa coisa toda. Então, ele é um cooperado por que ele colabora com a cooperativa também³⁴.

As cooperativas ainda se destacam por impulsionar cursos profissionalizantes de capacitação a seus associados, como aos que fazem parte da sociedade, cursos e palestras voltadas para profissionalização do trabalhador apícola e aperfeiçoamento das técnicas no momento de produção, colheita, extração do mel, e comercialização. Práticas e normas que procuram atender as novas exigências do mercado. A cooperativa é responsável pela venda das aquisições e indumentárias necessárias a realização do trabalho apícola.

As primeiras cooperativas apícolas da cidade de Picos foram a CAMPIL³⁵ (Cooperativa Apícola da Microrregião de Picos) e a COOAPI (Cooperativa Apícola da Grande Picos) de modalidades migratórias. A CAMPIL foi fundada em 1985, sendo uma das primeiras cooperativas a surgir na região Nordeste, cujo objetivo era promover o estímulo à

³² [I Encontro Apícola Realizado em Picos]. Picos: CAMPIL, 2013

³³ Luís Martins. Op. Cit.

³⁴ Idem

³⁵ CAMPIL (COOPERATIVA APÍCOLA DA MICROREGIÃO DE PICOS), fundada em Picos. 1985.

produção apícola, a comercialização, bem como o desenvolvimento econômico do setor, pensando no bem estar e no bem comum dos associados, informações essas obtidas a partir do Histórico da CAMPIL. A COOAPI foi fundada em 1995, contendo os mesmos princípios abordados pela CAMPIL.

Voltando-se ao discurso do senhor José Roberto Ravin ao colocar que foi associado à CAMPIL, ele relata que as atividades realizadas nesta se davam por meio de reuniões onde os cooperados eram convidados a participar, principalmente quando havia projetos ou vinham técnicos para ministrarem aulas de apicultura, sendo que esta o ajudou muito.

A cooperativa ajudou em muita coisa. Você fazia um empréstimo no banco, aí você comprava um vasilhame, assim tipo um empréstimo que fazia lá, era anual né. Aí a pessoa comprava um vasilhame de mel, comprava muita coisa com aquele dinheiro [...] A gente deposita o mel lá, aí ela vai a procura de comprador, aí repassa para o apicultor. Às vezes ela está precisando de mel, ela até compra o mel e paga na hora. Todo apicultor que trabalha com abelha migratória, ele faz a safra aqui e leva pra outro estado, faz a safra lá, muitos trazem o mel pra cá, muitos a cooperativa vai buscar o mel pra cá³⁶.

Assim, nas cooperativas havia reuniões com a presença do conselho fiscal e administrativo, bem como dos associados, contando às vezes com algumas figuras políticas, gerentes de bancos, técnicos de instituições, onde as principais pautas discutidas, a partir da análise das atas da CAMPIL e da COOAPI, eram as prestações de contas anuais e mensais, eleições para os conselhos, viabilizações de projetos, preço de comercialização do produto e empréstimos, onde as discussões presentes nessas reuniões davam a ideia de que tudo era realizado de forma democrática.

Outro apicultor que podemos destacar e que se inseriu no ramo no ápice da apicultura em Picos que foi em 1995 foi o senhor Antônio de Moura Barbosa, apicultor, natural de Picos, residente do povoado Miroelândia, que nos conta que seu ingresso no ramo se deu por influência de conhecidos e pelo lucro da atividade. Ele relata que o primeiro contato com a atividade se deu a partir do seu trabalho de ajudante com um apicultor do Rio Grande do Sul que veio para Picos em busca de um lugar propício para instalação dos apiários, realização do seu trabalho e aumento da renda. Menciona que, o que o levou a realizar atividades com abelhas foi “*a primeira vez trabalhar com pessoas do Rio Grande do Sul*”³⁷, que percebendo que “*o comércio e o ramo era bom*”³⁸, passou a se inserir na atividade em 1995 passando a comprar instrumentos, produzir mel e comercializar o produto em larga escala.

³⁶ Luís Martins. Op. Cit.

³⁷ Antônio de Moura Barbosa. Op. Cit.

³⁸ Idem.

Em relação aos instrumentos de produção ele nos conta que começou aos poucos. No início foi comprando poucas caixas retirando dos seus próprios recursos. Posteriormente nos conta que fez um financiamento pelo Banco do Nordeste com intuito de conseguir seu maquinário, onde hoje, afirma já ter renovado o mesmo, agora com seus próprios recursos. Logo se percebe que aos poucos começou a crescer dentro do ramo apícola, passando de ajudante para dono dos instrumentos de trabalho.

O senhor Antônio Barbosa se dedicou exclusivamente à apicultura. Grande empresário, ele dispõe de doze trabalhadores na realização da atividade, onde possui em média 694 caixas. Ele nos conta que compra e vende mel, chegou a fazer exportação para fora do Estado (sendo seu produto vendido para São Paulo – Empresa SUPERBOM), e conseqüentemente para fora do País (Japão). Em relação ao trabalho com os apiários e a colheita, ele destaca que na realização da atividade apícola não há necessidade de muitos trabalhadores, onde quatro no máximo dão conta de 600 colmeias, sendo “*um custo que não é tão alto e um lucro bom*”³⁹. Logo, notou-se que o senhor Antônio Barbosa, como proprietário, conta com os benefícios acerca da atividade apícola, estando seus trabalhadores apícolas sobrecarregados com uma grande quantidade de trabalho. A atividade desenvolvida pelo trabalhador apícola está ligada diretamente aos cuidados realizados por eles desde o momento da extração do mel até sua comercialização e devido às novas exigências de mercado cabe a estes trabalhadores desenvolver sua profissionalização com cursos e aulas destinadas a produção, manejo e colheita do mel.

Apesar da atuação das cooperativas na região de Picos, alguns apicultores, desde os empresários até o trabalhador apícola, realizam a venda do mel e migração sem intermediários das cooperativas. Assim como os Wenzel, que são os grandes produtores de mel na cidade de Picos, alguns apicultores com menor atuação conseguiram desenvolver por meio de suas lutas seu próprio negócio e crescer na apicultura. O Senhor Antônio Barbosa é um exemplo desses apicultores que não usa cooperativas como intermediadoras, realizando todo o processo da atividade por conta própria, estando este entre os grandes apicultores, onde ainda relata que teve curso de capacitação a partir de aulas realizadas pelo SEBRAE.

Acerca das mudanças e melhoria nas condições de vida, o senhor Antônio Barbosa relata que melhorou na medida do possível, pois com a apicultura o produtor passou a ter as condições necessárias para garantir uma vida digna, proporcionando o conforto necessário à família. Ele aborda que com a atividade apícola pôde “*pagar um colégio para um filho,*

³⁹ Antônio Barbosa. Op. Cit.

comprar um carro, sua propriedade, investindo também em um criatóriozinho de gado”. Dando a ideia de que a apicultura proporcionou as condições necessárias à sua sobrevivência.

O mesmo deixa claro que apesar dos problemas enfrentados pelo ramo apícola hoje, devido à seca e falta de políticas de apoios mais eficazes ao setor, a apicultura ainda lhe dá bons lucros. Ele destaca que, *“embora com a falta de chuva, a gente recupera tudo com os poucos invernos que já teve esse ano. Já recuperei pelo menos a metade desse enxame e já estão produzindo.”*. Logo se encontra com seu trabalho e estruturas apícolas bem consolidadas, tendo forte atuação na área, pois possui galpão, trabalhadores, maquinários e um forte comércio tanto interno como externo.

Os apicultores diante da expansão do mel viram na apicultura a *“máquina de fazer dinheiro”⁴⁰*, melhorando suas condições de vida e encontrando as bases necessárias para realização e construção do seu trabalho. O senhor Roberto Ravin e o senhor Antônio Barbosa caracterizam-se por ter na mesma sua atividade principal e que apesar das dificuldades impostas ao trabalho nos últimos anos, eles apresentam suas estruturas apícolas alicerçadas.

1.1 Os Agentes no Decorrer da Atividade Apícola

Além dos apicultores, outros agentes que se destacaram no desenvolvimento da atividade apícola, foram os órgãos públicos, empresas privadas, agentes financeiros, instituições de pesquisa e capacitação, que por meio de eventos, propagandas e especialização para a área realizava parcerias entre o governo do estado, Cooperativas, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, SEBRAE, EMBRAPA, CODEVASF, UFPI, UESPI, CEFET.

O Banco do Brasil⁴¹ passou a editar uma Série de cadernos de atuação para cadeias produtivas, inclusive voltadas para apicultura. Esta iniciativa contou com apoio do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura cujo objetivo era desenvolver o aprimoramento *“da estratégia negocial do desenvolvimento regional sustentável – DRS do Banco do Brasil e outras parcerias”*, parcerias com instituições como SEBRAE, SENAR, CAPES e outros, onde se percebe uma forma de mostrar os benefícios atribuídos ao Banco do Brasil destinado ao ramo apícola.

A partir do desenvolvimento da apicultura com a atuação dos novos produtores, das instituições, cooperativas e associações que foram de fundamental importância para o crescimento da atividade melífera, percebe-se a partir do discurso do governo do Estado do

⁴⁰ Roberto Ravin, Op. Cit.

⁴¹ BANCO DO BRASIL, Desenvolvimento Regional Sustentável. Serie Cadernos de Propostas de Atuação em Cadeias Produtivas. Brasília. Vol. 5, novembro de 2010.

Piauí, no que diz respeito aos aspectos sociais, econômicos e políticos, houve a ampliação do mercado consumidor do mel, colocando a cidade como “*grande potencial na produção de mel orgânico*”⁴² ocorrendo o aumento dos produtores de mel, acarretando uma maior movimentação da economia, ficando à cidade em pleno desenvolvimento. Associado a tudo isto é necessário enfatizar que à qualidade do mel está também ligado “*as variedades naturais*”⁴³ encontradas no município assim como em todo estado do Piauí segundo o Senhor Antônio Barbosa.

A partir desse contexto percebe-se que os papéis desses sujeitos apícolas e das cooperativas foram de fundamental importância para o desenvolvimento maior da região, marcada pelo comércio varejista e a agricultura. Logo foi através do trabalho apicultores e de suas experiências, que a atividade apícola ganhou visibilidade começando a ser desenvolvida e praticada na região, pois o mel e seus derivados são um potencial natural servindo de base para economia, assim como para interesses de outros setores sociais. Segundo dados da CAMPIL E COOAPI o cooperativismo foi a responsável pela conscientização dos produtores, pela inserção de novos conhecimentos e técnicas de fabricação, voltando-se para a melhoria na qualidade do produto que se deu a partir das boas práticas de manejo e a eficiência na produção do mel orgânico, sendo os principais pontos para a criação de um ambiente favorável à apicultura e sua comercialização. Evidentemente, percebe-se que as cooperativas não surgem como entidades preocupadas com o crescimento da atividade, mas sim com os benefícios proporcionados aos seus associados.

Contudo com a ampliação do setor apícola e a conquista do mercado externo os apicultores e as cooperativas passam a busca por formação, capacitação no que diz respeito ao manejo com as caixas e as abelhas, assistência técnica, tecnologia, desenvolvimento de pequenos empreendimentos industriais bem como as vantagens para produção do mel de qualidade com inspeção sanitária para obtenção da certificação do ministério da agricultura. Assim os produtores conseguem alargar ainda a produção do mel e o trabalho com as abelhas, desencadeando o surgimento do arranjo produtivo do mel.

Vários projetos também começam a surgir com o avanço da apicultura na região Nordeste, dentre eles o projeto “Nordeste de Geração de Trabalho e Renda e de Promoção do

⁴² GOVERNO ESTADUAL. Grupo Gestor Estadual de Arranjos Produtivos Locais. Plano de Desenvolvimento Do Arranjo Produtivo Da Apicultura Do Território De Picos Piauí. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247146890.pdf. Acesso em: 04 de Junho, 2013.

⁴³ Antônio Barbosa. Op. Cit.

Desenvolvimento Regional com foco na cadeia produtiva do mel (Promel) ⁴⁴”. Participam desta iniciativa: SEBRAE, EMBRAPA MEIO-NORTE, UFPI, BANCO DO BRASIL, CODEVASF e SENAI, sendo seu objetivo fortalecer a agricultura familiar; outro projeto desenvolvido foi “Estudo da Cadeia Produtiva do Mel do Estado do Piauí” realizado pela Embrapa Meio Norte que tinha por finalidade analisar as dificuldades e as potencialidades da cadeia produtiva do mel, identificando recursos para o desenvolvimento da apicultura por meio da articulação dos arranjos produtivos locais segundo Antônio Façanha, onde ele ainda aponta que:

Uma decisão importante da expansão da atividade apícola foi à discussão de uma articulação da Apicultura do Estado do Piauí; mas com a implantação dos arranjos produtivos locais, houve uma alteração, passando a denominação para Arranjo Produtivo da Apicultura no Piauí (APAPI), sob a coordenação da EMBRAPA Meio Norte com ligação direta com a Secretaria de Tecnologia do governo do estado do Piauí que viabiliza as ações através de um Comitê gestor compostas, também, pela UFPI, SEBRAE (PI), OCEPI, Secretaria de Desenvolvimento Rural, FEAPI e o BNB, além das comissões temáticas que envolvem outros parceiros⁴⁵.

Em relação às ações voltadas para a expansão e efetivação do setor pode-se destacar a elaboração de um plano criado pelo Grupo de Trabalho Estadual de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais e várias instituições (SEDET, SEBRAE, EMBRAPA MEIO-NORTE, CODEVASF, FEAPI) que tinham por objetivo procurar caminhos para o desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local da Apicultura, sendo o planejamento apresentado aos produtores da região ainda de forma provisória. O arranjo produtivo local da Apicultura de Picos é composta por várias instituições responsáveis pela capacitação profissional, assistência técnica e tecnológica como FEAPI, CODEVASF, EMATER, SENAI, SENAR; órgãos de financiamento como BANCO DO BRASIL e BANCO DO NORDESTE e instituições voltadas para pesquisa no setor apícola como UFPI, UESPI, CEFET, EMBRAPA MEIO-NORTE.⁴⁶

Diante da criação de inúmeros projetos destinados á apicultura, segundo o grupo gestor estadual de arranjos produtivos locais, pode-se perceber que os resultados obtidos por essas iniciativas voltam-se para o avanço ocorrido na cadeia produtiva do mel, com melhorias para o setor, estando alicerçada em bases voltadas para o desenvolvimento sustentável da

⁴⁴ FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Apicultura no Piauí e o Desenvolvimento Territorial**. In: ENG, XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 16, 2010, Porto Alegre- RS. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Crise, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e esperança Espaços de dialogo e prática. Porto Alegre, 2010. p. 5.

⁴⁵ Idem. p. 4-5

⁴⁶ Grupo Gestor Estadual de Arranjos Produtivos Locais, 2007.

produção do mel e seus derivados, que vem crescendo fortemente, favorecendo assim o laço de cooperação entre os produtores, onde suas necessidades passaram a serem discutidas sempre em busca do crescimento e organização da atividade, ao passo que essas questões vão dar origem a um novo projeto, desmembradas do Projeto Apis Araripe de 2001⁴⁷, que dava sustentabilidade à cadeia produtiva do mel no estado, ocasionando a partir dessa ação a criação de outro projeto denominado de Casa Apis⁴⁸ (Central das Cooperativas Apícolas do Semi-Árido Brasileiro) em 2005, que tem como finalidade conhecer melhor a realidade dos produtores e da atividade apícola do semi-árido, promovendo a organização, produção e comercialização do mel agregando valor ao produto e melhorando a vida dos produtores.

A Casa Apis é uma central de cooperativas que reúne as demais em torno de si, procurando por meio de ações desenvolverem a produção ocasionando a melhoria na produção do mel e derivados e a comercialização passando agregar valor ao produto e assim melhorar a qualidade de vida dos seus associados, implantando ações que proporcionasse o desenvolvimento do setor melífero, voltando para organização, produção, enriquecimento e comercialização sendo seu objetivo principal promover a atuação e crescimento da atividade apícola na cidade de Picos por meio da administração e voltando sua atenção para as bases no desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva do mel que é possível, devido ao estado do Piauí se caracterizar pela utilização da agricultura familiar e a ausência de lavouras de grande extensão, tornando-se desnecessário o uso de agrotóxicos.

O papel da Casa Apis é fornecer as bases materiais e a consolidação do cooperativismo aos associados, centrando suas atividades no recebimento e processamento do mel, com objetivo de destinar seus esforços no aumento da qualidade e produtividade do produto, ocorrendo à padronização e seguinte comercialização do mel, destinada tanto ao mercado interno como externo. A Casa Apis é responsável também por despertar entre os produtores o interesse pela capacitação, o aumento da produção e produtividade, a análise de mercado, assistência técnica, tecnológica e gerencial, além das estratégias para desenvolver um impacto ambiental positivo e análises para certificação orgânica do produto. Esses pontos desenvolvidos pelo projeto além de serem cruciais para as exigências dos mercados consumidores do mel são de grande importância para o bem comum das cooperativas, dos produtores associados e para a economia da região.

⁴⁷ DUARTE, Renata B. de A.(org.). **Histórias de Sucesso: agronegócios: apicultura**. Brasília: SEBRAE, 2006. p. 10

⁴⁸ GOVERNO ESTADUAL, 2007.

As consequências referentes a esse projeto estão ligadas, tanto as várias esferas sociais, pois além de fortalecer o processo de cooperativismo, ocorreu um aumento gradativo na produção, comercialização e consumo do mel, principalmente para o exterior colocando Picos como região central, sendo desenvolvidas ações e cursos aos produtores para a produção e comercialização dos produtos melíferos, além de desenvolver práticas e técnicas de manejo e coleta nos apiário e processamento do mel com objetivo de garantir o selo de certificação orgânica exigida pelo mercado, sem falar dos impactos ambientais, fazendo com que muitos produtores passem a conservar a natureza e desenvolver propagandas que incentivem o não uso de agrotóxicos nas plantações para o bom desenvolvimento da atividade e da cidade como um todo.

Logo no final do século XX a apicultura torna-se uma das principais atividades econômicas de Picos que se estende até os dias atuais. Assim transforma a cidade num dos mais importantes centros produtores de mel do estado e da região nordeste, dando a ideia que a apicultura só ocasionou coisas boas principalmente no progresso da cidade bem como na forma de vida desses sujeitos.

Aqui melhorou muito, muito com o negocio da apicultura porque veio à indústria pra fazer maquinário de sache. Tudo facilitou pro apicultor. Ai teve o Banco do Nordeste, que ajudou muito os apicultores, compraram caminhão, caixa de abelha, tudo financiado pelo banco. Aqui os pioneiros você sabe que foi os Wenzel e aquele seu Américo Bende, depois dai é que foi se a expandindo teve uns cursos de apicultura o pessoal se interessou pela apicultura⁴⁹.

Nota-se que apesar da cidade de Picos ser considerada uma das grandes produtoras de mel, graças ao trabalho dos apicultores e das cooperativas, que facilitou no desenvolvimento e na vida dos criadores de abelha, a apicultura em si enfrenta inúmeras dificuldades, pois é uma atividade que está ligada diretamente ao meio ambiente sendo a principal fonte de trabalho a abelha, *“se não tem inverno, se não tem flor ela vai embora”*. Portanto necessita de uma boa florada e conservação da natureza, dependendo também dos fatores climático. Complementando ainda, que apesar da forte atuação atribuída às cooperativas, muitos produtores encontram-se desassistidos com seus meios de trabalhos arruinados e sem condições para adquirir novos materiais, pois as cooperativas estão mais preocupadas em fortalecer a apicultura no sentido de trazer benefícios aos seus associados e interesses próprios do que o crescimento e ajuda ao setor apícola como um todo.

⁴⁹ Roberto Ravin Op. Cit.

Embora as ações e projetos desenvolvidos por parte de órgãos públicos, instituições de ensino, capacitação e agentes financeiros, a apicultura ainda necessitava de políticas de apoio. Apesar do crescimento do ramo, inúmeras barreiras ainda deviam e devem ser quebradas, tornando insuficientes as políticas de base na área. Em relação à apicultura ainda se necessitava da ampliação da atividade, aumento da comercialização, cursos de profissionalização (muitos apicultores ainda não contam com esses benefícios) com práticas de manejo com objetivo de manter a qualidade do mel, batalhar contra os intermediários e a venda de mel sem qualidade, que ainda se faz presente em todo o estado.

Preocupações estas voltada para ao apicultor, que embora seja uma profissão rentável que não exigia inicialmente muita técnica por parte dos produtores, é onerosa e enfrenta inúmeras dificuldades, pois não é *“reconhecida e regularizada”*⁵⁰ até hoje em Picos, sendo o trabalho da apicultura uma *“profissão de risco”*⁵¹, não tendo uma *“lei que os ampare”*⁵², sendo alguns apicultores reconhecidos e cadastrados muitas vezes como agricultores, pois está ligado ao campo, destacando que esses trabalhadores não recebem nenhum tipo de benefícios ou créditos especiais, sem falar da seca, que é um fator preponderante ao trabalho apícola, pois o apicultor trabalha diretamente com o meio ambiente e sem florada não tem abelhas dificultando a vida dos vários trabalhadores apícolas.

Até aqui discutimos os aspectos positivos acerca da criação de abelhas e produção do mel em Picos. Analisando a ideia de riqueza e crescimento, bem como melhoria na condição de vida dos apicultores, destacamos inicialmente a chegada dos primeiros produtores e instalação na cidade, assim como os relatos dos apicultores que entraram no ramo no ápice da apicultura. As fontes analisadas mostraram que com a chegada desses produtores ocorreu a criação das cooperativas e beneficiamento do ramo demonstrando o crescimento da apicultura e ideal de desenvolvimento. Contudo, apesar da ideia de crescimento e progresso nem tudo que reluz é ouro.

⁵⁰ [I Encontro Apícola. Picos]: CAMPIL, 2013.

⁵¹ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁵² Ibidem

2 TRABALHO E EXPERIÊNCIA DOS APICULTORES NA “CAPITAL DO MEL”

Diante do universo que constituiu as bases da atividade apícola na cidade de Picos, percebe-se as transformações e os benefícios trazidos pela apicultura. Contudo nota-se como se constituiu o terreno favorável aos criadores de abelha que ao chegarem aqui, depararam-se com matas inexploradas e alta produtividade da abelha. Com a chegada dos destes, mudanças ocorreram, pois cooperativas foram criadas, indústrias instaladas e projetos posto em práticas. No entanto diante desse ambiente favorável, muitas pessoas se sentiram atraídos, e em busca de melhorias de vida encontraram na atividade apícola uma saída, onde serão analisados aqueles que fizeram dessa atividade seu ganho de vida. Mostrando a mobilidade e as mudanças que a atividade ocasionou em suas vidas.

Assim é o lugar que me encontro, e ao preparar-me para o trabalho verifico que terei de resolver passo a passo experiências e questões que, antes, moviam-se a velocidade da luz. A vida no campo e na cidade é móvel e presente: Move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo, move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões⁵³.

Assim é a vida desses trabalhadores apícolas e modificações que a atividade sofre ao longo dos anos. Muitos trabalhadores apícolas ao relatar seu trabalho com as abelhas deixam claro, as vivências e experiências no trabalho da apicultura e suas modificações e necessidades de se adaptarem as mudanças acerca do trabalho, destacando que todo o aspecto da vida social exige desses indivíduos novas práticas e técnicas na realização dessa atividade, bem como as modificações em seus modos e condições de vida , onde muitos relatam que se deram bem com a apicultura, outros já relatam as dificuldades em permanecer com seus enxames.

Neste capítulo, procura-se analisar a realidade a cerca da realização do trabalho apícola, sendo o foco principal as mudanças a respeito das condições de vida e trabalho do apicultor. Assim, será relatada a vida dos trabalhadores na criação das abelhas e as transformações que essa atividade ocasionou no seu modo de vida e relações sociais, abordando as experiências vividas pelos apicultores, com ênfase aos de menor expressão no ramo.

⁵³ Williams, R. **O Campo e a Cidade**: Na História e Na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 21.

O senhor Roberto Ravin, acerca da chegada dos apicultores à cidade de Picos deixa claro que quem deu os primeiros passos voltados à apicultura foram às famílias Wenzel e Bende, que diante da florada necessária para criar abelhas constatou na variedade natural o caminho necessário para o aumento da produção do mel e encontrou na cidade de Picos o “terreno” pronto para o estabelecimento das suas atividades, atraindo posteriormente outros produtores.

Aqui foi assim começou com dois produtores de fora que veio para cá, que foi o Seu Arlindo e o Américo Bende e depois foi outras pessoas que vierem montar o curso de apicultura aqui em Picos, e as pessoas foram se interessando. Tinha gente do Pernambuco, tinha gente não sei de onde, do Piauí mesmo, de diversos lugares⁵⁴.

A partir daí o município começou a receber, com a chegada desses produtores, um apreço especial por parte dos que pretendem investir nesse setor. Assim que os criadores de abelha se fixaram na cidade, promoveram ações em interesse da apicultura, essas ações passaram a ser difundidas por vários meios, dentre eles, destaca-se novamente o Jornal Macambira que em uma das suas matérias voltadas à apicultura relatou a chegada dos pioneiros, assim como os benefícios da atividade traria a Picos.

Este é o assunto a qual a família Wenzel e o Sr. Bende falam com maestria. Instalados em Picos, há cinco anos, tiveram como objetivo a implantação da Apicultura nessa região, visto ser aqui o clima e a vegetação favorável às abelhas e a produção do mel⁵⁵.

Ao relatar a chegada desses produtores, o Jornal, na mesma matéria, também retratou os benefícios ocasionados pela atividade da apicultura ao abordar os ganhos adquiridos com produção do mel, como uma fonte de alimento essencial, que traz grandes benefícios à saúde, sua produção e a ação das abelhas como polinizados que ajudava nas grandes plantações, demonstrando assim que a implantação da apicultura em Picos só traria benefícios.

Contudo, com a difusão da atividade apícola na região, muitos trabalhadores passaram a se inserir dentro desse campo, em busca de ganhos. Logo a inserção desses sujeitos no ramo apícola ocorreu por vários fatores, seja por questões familiares ou por influência de um conhecido, que diante dos ganhos os influenciaram.

O senhor Adão Gomes Gonçalves, agricultor, natural de Picos, residente do povoado Mirolândia, nos conta que iniciou no ramo apícola, em 2004, por influência de um conhecido

⁵⁴ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁵⁵ Macambira. Op, Cit. Fevereiro 1982

que indicou o trabalho com as abelhas, deixando claro que despertou o gosto em trabalhar com as mesmas. Antes de realizar a apicultura, trabalhava somente com a agricultura, que ele menciona ser de subsistência, com plantação de caju, mandioca, milho e feijão, e um “*criatoriosinho de gado e porco*”. Posteriormente atraídos pela renda ele começou a criar abelhas, possuindo 200 caixas.

A cerca dos instrumentos de produção ele descreve que aos poucos, tirando um pouquinho da renda, comprou todos os materiais necessários para o trabalho com a abelha, onde relata que ao ver os outros trabalhando, se empolgou e entrou no ramo. Ele frisa que também realizou empréstimos, juntos ao banco do Nordeste, para efetivação de compra de mais materiais. O senhor Adão Gonçalves aponta que a apicultura surge paralela com a agricultura, complementando sua renda, onde suas caixas estão localizadas em sua propriedade no povoado Mirolândia e lá em São Miguel do Fidalgo. Na realização da atividade apícola, ele menciona que não conta com trabalhadores, mas sim com a ajuda dos filhos, podemos considerar uma apicultura familiar.

Em relação à comercialização do mel, deixa evidente que destina seu produto para a CAMPIL, mas não é associado a essa cooperativa. Ele destaca que também vende o mel para os barraqueiros e pessoas que o procuram para realizar a compra de forma “independente”. Ressalta ainda que a renda da apicultura o ajudou na sobrevivência, conta que devido os invernos ruins não produziu quase nada, descrevendo que “*milho não deu e feijão muito pouco*”, onde a renda adquirida com a venda do mel é o que está ajudando nas despesas que ele tem com a roça devido o período de seca. O senhor Adão Gonçalves conta que apesar das dificuldades impostas pela seca e pela falta de apoio, não desiste de criar abelhas, pois a mesma continua a ajudá-lo, demonstrando uma gratidão por essa atividade relatando que apesar da falta de chuva e o mel pouco, ele “*vai levando porque é bom*”.

Trabalho com as abelhas e não deixo não! Os invernos são fracos, a gente perde os enxames, mas a gente corre atrás pega de novo e é assim. É a luta do dia a dia né? É a luta do dia a dia, a gente num compra boi e num vende, às vezes a gente compra e a gente corre atrás do outro, a mesma coisa é com a abelha né? A gente tem que correr atrás do prejuízo⁵⁶.

Já o senhor José Ronildo Carvalho, agricultor, natural de Picos, residente no povoado Mirolândia, nos conta que se inseriu no ramo apícola em 2005 por incentivo do irmão. Ele relata que seu interesse em criar abelhas se deu devido o lucro da atividade ser bom. E por meio de empréstimo comprou suas caixas, passando a realizar a apicultura. Agricultor, ele

⁵⁶ Depoimento de Adão Gomes Gonçalves. Picos, 16/04/14.

relata que apicultura também surge como atividade complementar à renda, como negócio próprio, afirmando que o trabalho com as abelhas se deve graças ao irmão.

Em relação aos instrumentos de produção, menciona que iniciou no ramo com 20 caixas, localizado próximo a sua casa, o que mostra que evidentemente não realizou migração. Não contando com intermédio de cooperativas, o senhor Ronildo Carvalho relata que vendia seu mel de forma independente, destinando em sua maioria para barraqueiros do povoado ao qual reside. A cerca das condições de vida, ainda que pequeno produtor rural, ele retrata que a apicultura ajudou em algumas coisas, descrevendo que sua *“mulher comprou algumas coisas pra casa”* e ele comprou gado.

Por causa dos invernos fracos, ai não tava dando mais, muito pouco. E tinha que ficar me ocupando fazendo essas... Preparando comida para as abelhas, moendo milho, botando agua pra elas beber o ano todos pra ela não morrer. Ai eu disse: Não. Vou parar! Não ta dando, não tava mais tirando, mas nenhum, as vezes só uma caixa. Você tirava de uma as outras, só dava mesmo pra elas sobreviver o ano inteiro. Ai tive que desistir, vendi as caixas pro meu irmão e fiquei ajudando ele.⁵⁷

Assim como a estiagem, ele relata que outro fator que o levou a desistir foi o trabalho que tinha com as abelhas. O Senhor José Ronildo Carvalho mostra que não era tão prazerosa a atividade com as mesmas, como alguns apicultores colocaram, encontrando muitas dificuldades principalmente no que diz respeito à renda que *“só esta dando para sobrevivência”*, dando mais gastos do que lucro.

Hoje não da por causado inverno, o preço esta até bom, mas inverno não ajuda. Ai às vezes você não tira nem mel. No ano todim você não tira nem uma vez às vezes. Porque só esta dando para ela sobreviver. Ai você não pode tirar tem que deixar um pouco para ela sobreviver um ano. Ai você fica naquela expectativa de que no próximo ano vem um bom inverno, pra elas produzir bastante mel.

Apesar da desistência e da dificuldade no trabalho com as mesmas, conta que continua ajudando seu irmão no trabalho com as abelhas, *“como se diz a história, ele e eu ficamos quase de meia”*, relatando que o trabalho pesado ficou só com seu irmão, *“aquele trabalho de olhar, cuidar ficou só com ele mesmo”*.

O senhor João Alves de Sousa, agricultor, natural de Picos, residente do povoado Mirolândia, relata que entrou no trabalho com as abelhas em 2002 por intermédio do cunhado, destacando que era ajudante e não possuía caixa e nem exame, sendo a mesma de propriedades do cunhado. Ele destaca que entrou no ramo devido à renda ser boa, mas sempre

⁵⁷ Depoimento de José Ronildo Leal Carvalho. Picos, 16/04/14.

conciliando com o seu trabalho de agricultor. Ele destaca que realizava o trabalho no sentido de olhar as caixas, limpar e realizar a colheita do mel. O senhor João de Sousa realizava a “*migração para Petrolina e tinham caixas também no Piauí, especificamente na cidade de Campo Grande e Picos, sendo aqui, localizada no povoado Chapada do Mocambo e lá no Mosquito*”⁵⁸.

Ele destaca que seu cunhado possuía em média 400 caixas de abelha. O senhor João de Sousa conta que não tinha conhecimento sobre a venda do mel, mostrando que apesar da realização da atividade e apoio no desenrolar das práticas, pouco sabia da venda e ganho do mel. Ainda relata que a apicultura o ajudou, deu uma renda, mas somente para sobrevivência e nada adquiriu com o trabalho com as abelhas, encontrando na agricultura melhores ganhos.

O senhor João Alves de Sousa afirma que desistiu de trabalhar com abelhas em 2009, assim como seu cunhado, pois gastavam mais com as abelhas do que ganhavam. Devido à seca, ele destaca que estavam tendo prejuízos, pois tinham que comprar alimento para manter as abelhas. Logo, as abelhas estavam morrendo de fome, sem falar dos gastos com as viagens, que não estava dando mais resultados.

Entre esses variados tipos de apicultores, podemos destacar o senhor Francisco Assis da Silva, conhecido como Pedro Lopes, pequeno agricultor, natural de Picos, residente no povoado Mirolândia. Ele nos contou que foi atraído a criar abelhas devido à rentabilidade, para “melhorar a renda”, possuindo uma média 100 caixas, sendo sua introdução na apicultura por intermédio do seu pai, que também foi criador de abelhas. Ele é agricultor e relata que a apicultura é uma atividade complementar á renda, destacando que assim como trabalha, reside em uma terra arrendada, trabalhando no sistema de meia.

O senhor Francisco da Silva destaca que começou na apicultura com poucas caixas, comprando de pouquinho, mas devido o “*Brasil Fome Zero, bolsa destinada pelo governo*”⁵⁹, ele menciona que colocou para abelhas e conseguiu comprar mais caixas. Na realização da atividade ele destaca que não conta com ajuda de ninguém, trabalhando sozinho, vendendo seu mel para os barraqueiros, onde o mesmo não realiza a migração. Devido à seca, ele destaca as dificuldades enfrentadas na realização da atividade apícola, apontando que quando chovia a renda era boa, dando para comprar algumas coisas, relatando que comprou alguns moveis para casa, destacando que hoje mal está dando para sobrevivência.

Portanto, é a partir dessa análise e desse ambiente apícola marcado por uma variedade de sujeitos com características próprias e modo de vida diferenciado, que se pretende analisar

⁵⁸ Depoimento de João Alves de Sousa. Picos, 30/04/14

⁵⁹ Depoimento de Francisco Assis da Silva, Picos, 16/04/14.

as modificações no cotidiano do trabalho e do trabalhador apícola na região de Picos, que se mostrou bastante diversificado. Viu-se diante desse universo à multiplicidade de sujeitos e suas atuações dentro do ramo, desde os que permaneceram até os que padeceram diante das dificuldades. Valendo-se aqui analisar a realidade e a situação dos sujeitos que se encontram ou já se fizeram no ramo.

Logo, partindo da inserção desses indivíduos na atividade, percebemos que o principal motivo da introdução desses trabalhadores no ramo apícola se deu basicamente por meio da renda, em busca de melhoria de vida. Para alguns apicultores essa melhoria correspondeu a garantia de bens e conforto a família, para outros apenas o necessário para a sobrevivência. Muitos trabalhadores revelam, por meio dos seus relatos, que tomaram gosto pela criação de abelhas, por ser *“uma atividade prazerosa⁶⁰”*, que desencadeou o prazer em permanecer no ramo. Assim como outros relatam a desistência desta atividade.

O que influenciou muitos trabalhadores a inserirem no ramo apícola na cidade de Picos, foi a influência diante do crescimento e lucro proporcionado pela atividade. Alguns dos apicultores entrevistados destacaram que por verem outros apicultores crescendo com o ramo da apicultura se interessaram e ingressaram na atividade. Outros por influência familiar deram continuidade ao trabalho apícola como uma tradição familiar, prática recorrente em todo estado do Piauí com a agricultura. Logo, a apicultura é uma atividade atraente e rendável. Muitos apicultores também destacaram que introduziram na apicultura por influência de um conhecido que começou a indicar o trabalho da apicultura mostrando os benefícios proporcionados pelo ramo

Um dos aspectos ligados ao trabalho apícola em Picos, e todo Piauí, é que muitos apicultores continuaram realizando suas antigas atividades. Inicialmente, no contexto do alvorecer apícola, muitos trabalhadores se dedicaram exclusivamente a apicultura, pois tinham os meios necessários para se consolidarem dentro dessa área. Contudo, diante dos problemas que o setor vem enfrentando, com as secas e a falta de apoios eficazes aos criadores, muitos trabalhadores passam a realizar a apicultura como uma forma complementar a renda, dando apenas para sobrevivência.

Logo, a introdução na atividade apícola surge como uma atribuição de significados a esses sujeitos, que diante de uma nova desenvoltura na realização do seu trabalho e formas de vida passam a adquirir novas técnicas e novas significações de vida. *“Ao acompanharmos essas mudanças descobrimos como chegamos ao que somos hoje. Compreendemos mais*

⁶⁰ Adão Gonçalves. Op. Cit.

*claramente o que foi perdido, o que se conservou subterraneamente e o que ainda resta por resolver*⁶¹”.

Muitos indivíduos argumentam que ao entrar na apicultura apresentam pouco conhecimento em relação ao trabalho com as abelhas, realizando técnicas tidas como rudimentares por não apresentarem nenhuma experiência no manejo e extração do mel. Alguns trabalhadores passaram a adquirir a prática a partir da ajuda de outros sujeitos já presentes na área, e outro por já terem na estrutura familiar a apicultura, convivendo e identificando-se com esse trabalho. Como também apicultores que contam com apoio de instituições como as cooperativas e o SEBRAE, logo estes que contam com esse apoio, são os associados ou os que têm na apicultura suas bases consolidadas.

Em relação aos instrumentos de trabalho viu-se que muitos trabalhadores começam a adquirir seus materiais a partir da própria renda, sendo esses, os trabalhadores que já tem outro ofício como atividade. Assim, o senhor Francisco da Silva que também é agricultor relata que foi “*comprando de uma, duas, três e até cinco caixas, de pouquinho, tirando da própria renda*”. Alguns apicultores também relatam que fizeram empréstimos em banco no intuito de conseguir seus materiais. Logo, percebe-se a facilidade concedida aos trabalhadores ao adquirir os instrumentos necessários para a realização da sua atividade, mostrando as facilidades e aberturas para realização do seu trabalho.

Contudo, no Piauí ocorreu o desenvolvimento da apicultura migratória, onde os produtores migram para outros estados em busca de floradas para produção do mel, pois quando a florada no estado não vai bem, os apicultores migram com as caixas para outro estado em busca de condições necessárias para a produção do mel o ano inteiro.

A modalidade migratória surge como uma necessidade entre os apicultores, sendo todas as cooperativas presentes em Picos voltada para migração dos apiários, como aborda o senhor Luís Raimundo Martins, ao colocar a migração como uma “*necessidade*”.

A apicultura é... Ela funciona da seguinte maneira. É você pode ver ter uma ideia, uma noção. A abelha ela trabalha, com flores. Então, a nossa, o nosso período invernosso nosso, é às vezes pouco, e como sabe nos últimos dois anos, tem tido estiagem. Então quando você é apicultor que nem a gente é o apicultor profissional, aquele apicultor que tem muito, dos nossos apicultores que vive da apicultura, que sua função é a apicultura, ele se ver obrigado a essa migratória porque nos rodamos seis estados. Então tem inverno em um desses estados, a gente puxa nossas abelhas pra lá, tem chuva, tem flores, ai a gente puxa as abelhas pra lá, pra poder a abelha se

⁶¹ THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operaria Inglesa**: A Maldição de Adão. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. P.344

desenvolver e realizar esse trabalho porque são mais de um motivo que força isso: O primeiro é a produção, se a gente leva pra onde tem a florada nós vamos ter a produção, nós vamos ter o retorno e um segundo ponto, que é muito interessante, é a questão de a gente permanecer, ou seja, de a gente continuar, com as nossas colmeias, com as nossas abelhas⁶².

Percebe-se que com a modalidade migratória ocorre uma colaboração por parte dos apicultores entre si, que diante da necessidade de se deslocar de um estado a outro em busca de floradas, mantem-se uma relação em detrimento do desenvolvimento apícola, que para ocorrer o deslocamento é evidente que haja uma relação entre os apicultores de um estado pra outro, onde nessa relação há a troca de experiências acerca da apicultura, aumentando o nível de compreensão desses trabalhadores, acarretando no desenvolvimento de novos hábitos e ideias, assim como novas maneiras e práticas de trabalhar com a abelha, promovendo a formação de uma nova cultura.

Assim, em relação à migração, alguns destacam que contam com o apoio das cooperativas a qual é associado. Estas dão as bases necessárias para deslocamento das caixas de um lugar para outro, fazendo o manejo e também a venda.

[...] Aqui ficou assim, todo apicultor que é... Que trabalha com abelha migratória, ele vai...faz safra aqui, ai leva e vai para outro estado, faz a safra lá, muitos trazem o mel pra cá. Quando leva pro Maranhão, eles vão e já tem o comprador aqui das cooperativas e vão trazer o mel pra cá. Agora tem muita gente de fora que vai comprar esse mel lá⁶³.

A partir da fala do senhor José Roberto Ravin, percebemos o apoio da cooperativa no momento da migração, no transporte dos enxames, assim como na venda do mel, onde ele relata que migra com suas abelhas para vários estados.

O trabalho é assim: a gente trabalha com abelha aqui no Piauí, a gente trabalha com migração. Ai vai pro Ceara e Pernambuco. Aquela região do Crato, Cariri, Serra do Araripe e Pacajus (CE). A gente trabalha com a migração, muda a abelha quando termina a safra em um lugar, pra outro, ai continua produzindo o mel de novo⁶⁴.

Apesar da atuação dessas instituições em ajudar com o deslocamento das caixas dos seus associados muitos apicultores não contam com apoio das cooperativas. Alguns com forte atuação no ramo relatam que não veem necessidade de se cadastrarem, pois possuem transportes e condições necessárias para realizar o manejo das suas caixas. Já outros

⁶² Luis Martins. Op. Cit.

⁶³ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁶⁴ Idem.

apicultores não veem precisão de se filiarem porque não realizam a apicultura migratória, “*só aqui mesmo*”, permanecendo com suas abelhas em um único lugar (apiários fixos), e também por ter uma criação apícola ainda pequena, do mesmo modo que paralela à outra atividade.

Já em relação à utilização de mão de obra, alguns apicultores nos contam que trabalham sozinhos e não dispõem do apoio de ninguém, sendo estes em sua maioria os pequenos trabalhadores rurais que possuem poucas caixas e se dedicam mais a agricultura do que a criação de abelhas. Outros apicultores nos contam que realizam a atividade com a participação familiar, contando com apoio dos filhos, rachando com o irmão ou com o cunhado na lida da produção do mel. Há também produtores que contam com trabalhadores na realização da atividade como o senhor Antônio Barbosa que relata:

“Eu trabalho com doze pessoas quando eu estou na atividade do mel e com essas pessoas que eu trabalho, não são todos para trabalhar com elas, 600 colmeias só precisa de quatro pessoas. Da pra realizar o trabalho, e é um custo que não é tão alto e um lucro bom⁶⁵”.

O senhor Luís Raimundo Martins expõe que o trabalho com a apicultura “*não tem a mínima condição de trabalhar sozinho*”, pois “*na hora da extração do mel é necessário no mínimo quatro pessoas*”, assim como o Senhor José Ronildo Carvalho, que coloca que “*é sempre melhor levar uma pessoa quando for mexer com as abelhas, porque é até perigoso*”. Percebe-se que apesar da necessidade de trabalhadores na extração do mel, existem aqueles que não contam com o apoio e ajuda de ninguém no exercício do seu trabalho.

Nota-se ainda que apesar da necessidade de trabalhadores, a apicultura exige um número mínimo de ajudantes para realizar a atividade. Muitas vezes ocorre a contratação de trabalhadores temporários, devido à migração dos apiários. Logo uma quantidade mínima de pessoas consegue dar conta de uma grande quantidade de colmeias, sendo o custo baixo e devido a grande produção o lucro é bom. Contudo existem dificuldades na hora de contratar trabalhadores, pois a apicultura é um trabalho de risco. O senhor José Roberto relata: “*quase perdi o braço*”⁶⁶ devido à picada de abelha.

Em relação às técnicas de manejo e extração do mel percebemos que antes do crescimento da apicultura na cidade de Picos, a extração era feita com utilização de fogo, queimando as colmeias e causando danos ao meio ambiente. Todavia a execução em relação ao manejo com as abelhas veio se aperfeiçoando, graças ao apoio de instituições como as

⁶⁵ Antônio Barbosa. Op. Cit.

⁶⁶ Roberto Ravin. Op. Cit.

cooperativas em parcerias com órgãos responsáveis por melhoramento do setor, onde a mesma promove cursos e uma cultura educativa entre esses trabalhadores.

Logo, os próprios apicultores devem despertar a consciência que seu trabalho está diretamente ligado à natureza, cabendo à preservação ambiental, pois apesar de ser *“um produto que você é proprietário, você não tem domínio sobre ele”*. *“Porque se a abelha não está bem ela vai embora te deixa”*. E também devido as exigência mercadológicas que impõe a venda e compra do mel de qualidade. O senhor Roberto Ravin, destaca bem essas mudanças em relação às técnicas no trabalho da apicultura.

Não... Mudou! Antigamente trabalhava muito com material de ferro, lata galvanizada. Hoje mudou tudo! Tudo é inox, o mel é envasado em balde plástico, tão usando também saco plástico dentro do balde para não ter contato nem com o balde [...] Antigamente usava lata, hoje não pode usa mais lata⁶⁷.

O senhor Roberto Ravin expõe a realidade imposta hoje ao trabalho apícola. Ele descreve as novas maneiras e técnicas essenciais a realização do trabalho do apicultor, que diante das novas exigências de mercado deve se enquadrar dentro desses padrões. É nesse sentido que a apicultura vem caminhando, na busca pela profissionalização.

A cooperativa nesse sentido proporciona a seus associados cursos, seminários e palestras acerca das boas práticas no manejo e produção do mel, aonde *“vem um técnico dar aula de apicultura”*. Além de fornecer os instrumentos necessários para atividade, dando as bases para a produção de um mel de qualidade, como aponta o Senhor José Roberto Ravin ao mencionar que *“a cooperativa ajudou em muita coisa, no manuseio e na colheita do mel”*, bem como na comercialização do produto, pois quem *“procura a cooperativa sabe que vai comprar um mel de qualidade”*⁶⁸.

Esse pessoal que tira o mel do mato usa fogo, que ele até queimam as abelhas do apicultor para tirar o mel e vender. Eles roubam o mel da caixa ate queimam as abelhas para tirar o mel para vender. Agora ele vai vender aquele mel bem baratinho, que aquele mel exprimido não tem valor de nada. O mel centrifugado ele tem brilho, ele é o mel especial e o mel exprimido, eles exprime com a mão, ai é cheio de pó, cheio de sujeira. A cooperativa não recebe esse mel. E a cooperativa, todas as cooperativas a exigência é tudo em inox⁶⁹.

Logo, nem todos os apicultores disporão de profissionalização, mas em seus relatos expõem o conhecimento acerca do manejo no trabalho com as abelhas. Como já foi colocado,

⁶⁷ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁶⁸ Luís Martins. Op. Cit.

⁶⁹ Idem

muitas vezes essas técnicas foram adquiridas por meio do contato com outros apicultores ou por ser esta atividade, realizada por algum membro da família, como expõem o senhor José Ronildo Carvalho ao relatar que não contou com nenhum curso de capacitação, coloca que *“já sabia mais ou menos como era que trabalhava⁷⁰”* e o resto foi seu irmão que o ensinou.

Muitos apicultores também transferem conhecimentos adquiridos no trabalho agrícola para o trabalho das abelhas criam métodos necessários para alimentação das suas abelhas sem causar danos ao meio ambiente.

A alimentação que a gente chama é milho moído, você faz o pozinho, você molha o milho, aí você faz o pó, aí você coloca, aí elas vão pega esse pó, pó também de goma, você pode pegar que elas também pegavam para fazer as caixas. Aqui mesmo, e também para elas fazer o mel, eu adquiria era... Fazia o chá de erva cidreira. Eu pegava a cidreira e fazia um galão. Aí fazia aquele chá e ficava bem grosso, misturava com um pouco de outras ervas. Aí ficava aquele cheirão, aí elas ia lá e chupavam e levavam o mel para as caixas⁷¹.

O Senhor Ronildo Carvalho nesse relato deixa claro essa transferência ao descrever a maneira de como alimentar as abelhas com os produtos provenientes da terra, o milho moído e a goma, sem a necessidade de comprar ração específica para alimentação das abelhas, utilizando seus conhecimentos na prática com o trabalho rural e as inserindo na criação das abelhas.

Acerca da comercialização do mel, a ação das cooperativas surge como instituições responsáveis por ajudar os apicultores no combate aos atravessadores. Em todo o estado do Piauí ainda se faz presente à ação dos abarcadores, que vendem um mel a preços muito baixos e muitas vezes sem qualidade, comprometendo a certificação do mel e o trabalho do apicultor.

Assim, muitos apicultores destinam o seu mel para as cooperativas para que possam ser vendidos, pois as mesmas apresentam toda a mecanização e regularização necessária para o manuseio do mel sendo de lá mandado tanto ao mercado interno como ao externo.

O trabalho da cooperativa ela faz o seguinte, ela pega o mel do apicultor, ela recebe o mel do apicultor, ou seja, ela facilita, o objetivo da cooperativa é esse. Digamos assim você adquirir aquele transporte, porque tem aqueles bem menores, que nem tem quem ajude eles fazer o manejo da abelha dele, ajudar ele fazer a batida do mel dele. Ela fornece o material de estocamento deste mel dele, de transição de balde, de tambores é de ter as caixas de mel, para fazer a própria colheita do mel do apicultor trás. Ela faz esse intercambio com a venda do mel, como se diz é... Com os agentes, com as empresas, com as grandes empresas na questão do mel. Hoje nos temos em Picos já, a Casa Apis que é o entreposto do mel, como se diz... Que foi criada exatamente com o intuito de tirar o atravessador porque antes é, tinha o

⁷⁰ Ronildo Carvalho. Op. Cit.

⁷¹ Ronildo Carvalho. Op. Cit.

atravessador, vinha de vários estados, vinha de outro canto. Então era aquelas dificuldades para o apicultor como se diz para o apicultor que era um desagrado ao apicultor com tanto pessoas botando preço diferente, fazendo diferente, recebia qualquer material, qualquer tipo de mel com mistura, mel prensado a mão, de qualquer maneira e a cooperativa facilita isso, ou seja, a cooperativa faz a sua classificação, ela classifica em cor em umidade, ela faz todo tratamento, envaza, etiqueta, faz o acompanhamento, como se diz de desde o campo até a chegada aos contêineres, porque o mel hoje é exportado, então tem todo esse processo que a cooperativa veicula, ou seja, faz, facilitando para o associado⁷².

Muitos apicultores também vendem seu mel sem precisar do intermediário das cooperativas, destinando-o para grandes empresas e até para o exterior, ocorrendo também à venda de forma independente para barraqueiros como aos que procuram para consumo próprio.

Figura 02: Barraca localizada no povoado Mirolândia, no município de Picos.



Fonte: Acesso a Barraca localizada no povoado Mirolândia, Picos, 2014 (Maria Lidiany)

Diante dessa imagem percebemos as fragilidades acerca da produção e venda do mel em Picos, que apesar da ação das cooperativas e do comércio privado em prol do benefício, ainda se tem a ação de atravessadores e venda do mel sem qualidade, chegando muitas vezes a ser adulterado, devido à umidade e ao acréscimo de açúcar, sem garantia alguma, cabendo políticas de apoio fortes no combate aos atravessadores.

⁷² Luís Martins. Op. Cit.

Logo, apesar dos benefícios iniciais trazidos pela apicultura à cidade de Picos e a vida dos apicultores, que vieram em busca de um lugar adequado para criação de suas abelhas e a produção do mel, o setor apícola também começa a enfrentar graves abalos devido à seca, que se torna uma preocupação e barreira na vida dos apicultores.

Olha foi bom no começo, mas agora no final ta muito triste viu? Que você ver, aqui não é só a apicultura que sofrerá, aqui tinha gado, aqui ficou sem gado. Quem tinha roça ficou sem roça, acabou o caju, acabou tudo. Eu nunca tinha visto isso ai, até buriti aqui em Dom Exedito, eu nunca vi morrer pé de buriti morreu esse ano. Pra mim essa foi a maior seca do Nordeste, se não tiver chuva também não tem mel⁷³.

O senhor José Roberto Ravin deixa claro em seu relato o espanto e a preocupação com o período da seca. Ele coloca que tudo está sofrendo com a falta de chuva ao relatar a surpresa diante do pé de buriti morrer com a estiagem, abordando que essa é pior seca do Nordeste. O senhor José Ronildo Carvalho coloca que quando entrou no ramo da apicultura o lucro era bom e produzia muito porque *“naqueles anos chovia bastante e as abelhas não abandonava as caixas não”⁷⁴*.

A seca é um dos graves problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais recentemente, sendo reflexo de anos anteriores. Ocorrendo de forma aterradora, muitos trabalhadores estão perdendo seus animais e lavouras pela falta de água, ocorrendo à dizimação dos animais e plantações, sendo o apicultor afetado diretamente, pois sem inverno não tem florada e sem florada não tem abelha e conseqüentemente não ocorre à produção do mel.

O senhor Antônio Barbosa ao relatar sobre a produção do mel, destaca que se a abelha continuasse a produzir como *“em 1992 ao ano 2000, tinha muito apicultor que hoje estaria rico”⁷⁵*, mas devido à seca, muitos apicultores começam a sentir os reflexos no seu modo de vida e trabalho, pois devido à perda dos enxames não há produção e sem produção não há renda, onde muitos ainda relatam que hoje não dá mais pra viver só com a abelha, pois dela só dá pra *“sobrevivência, comprar o que comer e alimentar as abelhas”⁷⁶*.

Muitos apicultores começam a se preocupar com a produção do seu enxame, pois a abelha necessita de alimentos e uma boa florada, sem chuva e sem inverno não tem plantações, não tem flores, ocasionando o abandono das abelhas e a perda da produção. Fazendo com que muitos produtores diminuíssem ou desistissem da criação das abelhas.

⁷³ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁷⁴ Ronildo Carvalho Op. Cit.

⁷⁵ Antônio Barbosa. Op. Cit.

⁷⁶ Idem

Evidentemente a seca é um dos grandes problemas enfrentados pelos setores ligados ao campo, faltando políticas mais eficientes de combate e apoio ao setor. Apesar dos papéis desempenhados pelas cooperativas e algumas instituições, a atividade apresenta inúmeras dificuldades. O apicultor não conta com nenhum tipo de apoio e os que contam, são os que fazem parte das cooperativas ou tem um grande negocio na criação de abelhas.

Logo, em relação às esperanças dos trabalhadores diante do problema da seca verifica-se que a mente dos trabalhadores rurais permanece povoada pelo conhecimento empírico voltado para o mito e a religiosidade, onde nos relatos dos apicultores percebemos a menção dada às histórias passadas ao longo do tempo. Assim como a ideia de que a cada ciclo de dez anos, há dois anos ruins, anos de dois e três, assim como um ano bom, que é o de quatro. Como mostra o senhor Roberto Ravin.

Tem um ciclo de cada dez anos, dois anos ruins nesse ciclo, é sempre o ano de dois e três, aí quando é o de quatro, é o melhor ano que chove aqui no Piauí, aí vai diminuindo as chuvas, mas sempre produzindo mel, mas quando chega nessa época aí a pessoa perde quase todas as abelhas. Esse ano agora vai ser só lazeira, daqui a cinco, seis anos aqui vai ter chuva, só vai ficar ruim agora em 2021, 2022, 2023.⁷⁷

Partindo do imaginário desses trabalhadores, é evidente a crença e a esperança de anos melhores para a produção apícola, onde demonstra por meio de explicações sem base científica, as mudanças no tempo e a espera tanto pelos anos de “lazeira⁷⁸” (grande produção e renda), como por anos difíceis, desprovidos de produção.

Há também a crença religiosa arraigada a cultura popular nordestina, nesse caso destinada aos fatores naturais. Os trabalhadores rurais muitas vezes atribuem o fenômeno da seca a castigos divinos, como se a estiagem fosse resultada dos maus passos dados pelas sociedades. O senhor José Roberto Ravin retrata essa concepção ao relatar a ideia da seca enquanto castigos divinos ao abordar que “o pessoal até fala que isso aí é porque a pessoal peca muito faz muito erro”.

Jackeline Hermam⁷⁹ em seu artigo “Religião e Política no Alvorecer da República: Os Movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestados” ao retratar os milagres realizados por padre Cicero aborda como a mente da população nordestina estava impregnada pela religiosidade, por uma “cultura rústica” resultado da relação do colonizador ao novo mundo. Dando aos milagres, realizados por padre Cicero no Ceará uma ideia de redenção diante dos pecados, ou

⁷⁷ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁷⁸ Idem

⁷⁹ HERMANN, Jacqueline. Religião e Política no alvorecer da República: Os Movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestados. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília A. Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O Tempo do Liberalismo Excludente- da Proclamação da República a Revolução de 1930: Civilização Brasileira**, 2011. P 121-161.

seja, das modificações sofridas pelo contexto políticos e sociais do Brasil em 1889, cujos milagres eram vistos como “graças divinas para redimir os homens”. Contudo esses pensamentos continuam presentes na vida dos nordestinos que lutam contra os problemas sociais.

Muitos apicultores na esperança de manter os seus enxames relatam que necessitam recorrer a empréstimos em banco como forma de assegurar as suas abelhas. Pois o setor apícola encontra-se desamparado. Muitos apicultores relatam que às vezes conseguem fazer empréstimo no banco para comprar materiais destinados à criação de abelhas e produção do mel. O senhor Adão Gonçalves conta que fez um empréstimo junto ao Banco do Nordeste, para compra de 50 Caixas e declara que não teve dificuldades, contando com muita satisfação que pagou as caixas e que não deve mais nada ao banco. *“Não, Já paguei graças a Deus não devo mais nenhum centavo. Do jeito que foi feito o contrato deu pra mim pagar. Então eu digo que foi bom. Paguei as caixas. Hoje sou dono delas e ponto final! Não devo nada a ninguém⁸⁰”*. O senhor João de Sousa também descreve que fez um empréstimo junto ao banco, mais fica evidente que a ajuda ocorre somente para compra de materiais, relatando que tem que pagar o dinheiro ao banco, pois “o banco não dispensa não”.

O senhor José Ronildo também destaca que fez um empréstimo no banco por indicação de um amigo. Ele conta que foi uma burocracia para conseguir realizar o empréstimo, uma espera muito grande, mas depois de assinado e aprovado o projeto, *“ficou ate mais fácil⁸¹”*, estava *“tudo resolvido⁸²”*.

Logo os empréstimos concedidos aos apicultores são vistos pelos mesmos como um benefício ao apicultor, como forma de apoio ao ramo, que apresenta uma grande ajuda por parte dos agentes financeiros aos trabalhos apícolas, que apesar das burocracias, o que importa é ser aprovado e ter seus meios de trabalho e sobrevivência a salvo.

Os pequenos apicultores também contam com o apoio das políticas assistencialistas criadas pelo governo, como no caso do senhor Francisco da Silva, que recebe o Brasil Fome Zero, como forma de ajuda no seu trabalho com as abelhas. Ele relata que a bolsa pode ser destinada a qualquer setor agrícola, mas ele conta que colocou para as abelhas, como forma de combater a fome e a estiagem. Apesar dos benefícios, os pequenos criadores ainda sofrem com a seca, sendo essas bolsas insuficientes no combate a esse grave problema.

⁸⁰ Adão Gonçalves. Op. Cit.

⁸¹ Ronildo Carvalho Op. Cit.

⁸² Idem

Outra dificuldade atribuída é a falta de uma aposentadoria especial ao trabalhador apícola, pois a apicultura é um trabalho oneroso e de risco. O senhor Roberto Ravin deixa evidente em sua fala, por meio de gestos e expressões, que quase perdeu o braço devido à picada de uma abelha, mostrando os riscos de se trabalhar com a mesma.

O mesmo também aponta as dificuldades enfrentadas pelos apicultores no momento de se conseguir a aposentadoria. Ele relata que se aposentou como apicultor, mas com muita dificuldade, pois conta que muitos criadores de abelha se aposentavam como trabalhador rural, onde ele descreve que foi preciso procurar suas escrituras como uma forma de comprovação, pois lá tem “como apicultor porque tem que ter uma profissão, ai ficou tudo mais fácil⁸³”.

Enquanto o senhor Luís Martins, relata que a regularização da profissão de apicultor já está em andamento no congresso. Contudo, apicultor até pouco tempo se aposentava como trabalhador rural, mas também com muita contrariedade, pois havia necessidade de comprovação de que trabalhava no campo, onde ele nos conta que foi até grosseiro diante dessas dificuldades impostas ao apicultor, dando a ideia no sindicato dos trabalhadores rurais, de que apicultura não está associada ao trabalho com a roça.

Uma vez até no sindicato, eu, até fui meio grosseiro. Ate porque diante dessas coisas. O sindicato dos trabalhadores rurais aqui, uma vez eu fui até meio grosseiro porque é... Falaram essa questão, quando a gente ia lá com companheiro pra aposentar, ai dizia aquela coisa toda, que não comprovava que era agricultor. Eu disse: Meu irmão, pois você me diga se tem algum apicultor, criando abelha na Praça Felix Pacheco, se tem algum apicultor criando abelha dentro do banco do Brasil ou da caixa econômica, ou de uma empresa, onde é que o apicultor cria abelha? num é no campo, num é no mato. Então porque ele não é trabalhador rural?⁸⁴

Logo, percebe-se que o declínio no setor apícola não se resume apenas ao problema da seca, mas também a falta de investimento ao setor e produtores apícolas. Apicultores relatam que vêm perdendo tudo que tinham conseguido no trabalho com as abelhas, logo devido à falta de apoio e projetos destinados ao setor, trabalhadores mostram-se desanimados em prosseguir com suas abelhas.

Contudo, os apicultores que dispõem do apoio das cooperativas ou tem forte atuação na área relatam que apesar das dificuldades conseguem manter seus enxames e ganhos, como aponta o Senhor Antônio Barbosa ao relatar que apesar do problema da seca, já recuperou metade desses enxames com os poucos invernos que já teve. Já outros apicultores relatam que

⁸³ Roberto Ravin. Op. Cit.

⁸⁴ Luis Martins Op. Cit.

sofrem diretamente com as dificuldades impostas pela seca, encontrando-se desassistidos e abandonados à própria sorte, como o senhor Francisco Assis da Silva ao mencionar que “*sem condições necessárias*” para sobreviver, já esta com quatro anos que quase não tira mel. Para completar os problemas enfrentados por este apicultor e família, o mesmo faleceu meses após a entrevista vítima de um acidente deixando mulher e filho. Sua esposa, a Senhora Maria Galdino, aborda as dificuldades em continuar com as abelhas e os negócios do marido, mas relata que prossegue contando com a ajuda do irmão.

Contudo, ainda em relação aos problemas enfrentados pelo setor apícola, as cooperativas se mostram insatisfeitas com os problemas enfrentados pelo ramo e pela falta de apoio ao setor, estando suas reclamações diretamente voltadas aos seus associados, fazendo com que os apicultores reivindicassem junto aos representantes a necessidade de apoio do governo de todas as esferas, municipal, estadual ou federal, no apoio ao trabalho apícola, que se encontrava em situação de “*extrema calamidade*” devido à seca.

Nesta oportunidade cumpre-nos manifestar perante os nossos representantes dos poderes executivos e legislativos de todos os níveis, federal, estadual e municipal, da necessidade imperiosa de intervenção do poder público na cadeia produtiva da apicultura migratória, promovendo a inclusão das cooperativas que exploram a atividade de apicultura migratória, nas ações e programas de poder público de combate à seca, afim de essas cooperativas sejam contempladas, com recursos a fundo perdidos para investimento em transportes, máquinas e equipamentos, e aquisição de indumentários e rações para alimentação de abelhas⁸⁵.

As cooperativas buscam reivindicar o apoio do governo nas necessidades dos seus associados, passando a buscar benefícios à atividade apícola, propondo: “*A regularização da profissão do apicultor, a criação de uma aposentadoria especial, devido ser uma profissão de risco; buscar um amparo aos que realiza a apicultura migratória, conseguir apoio aos agentes financeiros, democratizar acesso ao crédito dos cooperados, cooperativas e associações; impulsionar o cooperativismo existente; viabilizar parcerias com IBAMA e os cooperados, que devido à seca seus materiais encontram-se arruinados e que haja um PRONAF estiagem para apicultura com os mesmo privilégios voltados aos agricultores*⁸⁶”. Logo, diante dessas reivindicações, fica evidente o atraso da atividade apícola na região, pois apesar da ideia de crescimento e melhoria na vida dos apicultores e da cidade nem tudo, foi ou é, um mar de rosas.

⁸⁵ I Encontro Apícola, Picos, 2013.

⁸⁶ Idem

Diante disso nota-se, por meio das narrativas desses trabalhadores, que apesar do papel desempenhado pelas cooperativas, as mesmas demonstram estar mais preocupadas em conseguir benefícios próprios e para seu pequeno grupo de associados, do que em ajudar o setor e aos trabalhadores apícolas em geral, logo muitos dos produtores que se encontram desassistidos em Picos são os pequenos criadores de abelhas. Portanto observa-se que a região é marcada por um grande número de pequenos apicultores que realizam a apicultura como uma forma de complemento a renda, conciliando com seu trabalho na plantação e criação de animais, sendo esses os que mais sofrem com falta de apoio por parte das instituições e ajudas destinadas ao setor, estando desprovidos de apoio para criação de suas abelhas e comercialização do mel.

É a partir dos relatos desses apicultores que se passa a compreender o universo espetacular do trabalho com as abelhas. É partindo das suas narrativas que se entende o papel e o impacto da apicultura no seu modo de vida e relações sociais, bem como as mudanças ocasionadas ao longo do tempo. Para muitos, a apicultura na cidade de Picos, foi sinônimo de riqueza, para outros trouxe melhorias na sua condição de vida, outros não passaram de um complemento à renda, cabendo a cada apicultor expor a importância dessa atividade na sua vida. É percebido também as dificuldades enfrentadas pela apicultura e seu reflexo na experiência desses trabalhadores, que demonstram por meio dos seus relatos, carregados de conformação, luta e expectativas, a busca incessante por dias melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido e analisado neste trabalho, buscou-se compreender os benefícios trazidos pela apicultura a vida dos trabalhadores apícolas em Picos. Procurou-se discutir como essa atividade encontra-se aliada à ideia de progresso ganhou visibilidade na cidade e como passou a fazer parte da vida dos sujeitos que vira na mesma, o sinônimo de melhoria de vida. É partindo do processo de organização e realização do trabalho do apicultor que se reconstrói os benefícios e ideia de crescimento atribuído a cidade, que inicialmente voltava-se para o desenvolvimento de uma apicultura predatória que foi se aperfeiçoando ao longo dos anos, sendo no presente uma das principais atividades desenvolvidas em Picos, mas que enfrenta graves problemas devido à seca e falta de políticas mais eficazes para o setor. Inicialmente buscou-se discutir o olhar dos agentes financeiros e políticos, que atribuíra, uma visão positiva ao setor, destacando a importância do trabalho apícola e sua contribuição para o desenvolvimento na vida do apicultor e região.

Dando continuidade, observou-se que com a chegada e instalação dos primeiros apicultores na cidade de Picos, ocorre o crescimento da atividade. Os pioneiros nesse ramo foram a família WENZEL, como já apontava o jornal Macambira, na década de 1980, sendo um dos primeiros agentes na construção da História apícola da cidade. Os primeiros produtores foram atraídos devido o ambiente natural ideal para criação de suas abelhas, trazendo consigo o crescimento ao município e a esperança de melhorias de vida.

Percebe-se que com chegada desses produtores, ocorre o desenvolvimento do ramo na cidade. Com a instalação dos seus apiários na região, muitos produtores encontraram o clima favorável e uma variedade natural propicia para a produção do mel, trazendo renda e geração de emprego, tornando-se uma verdadeira riqueza natural à região. Atraindo, assim, a participação de outros agentes sociais, acarretando o desenvolvimento e progresso ao município, como aponta o senhor José Roberto Ravin ao relatar que *a cidade melhorou muito, com o negócio da apicultura, porque veio à indústria pra fazer maquinário, para fazer máquina de sache. Tudo facilitou para o apicultor. Ai teve o Banco do Nordeste que ajudou muito aos apicultores, compraram caminhões e caixa de abelha. Tudo financiado pelo banco*⁸⁷. Diante desse crescimento no setor apícola, surgem as cooperativas, como forma de apoio a produção e comercialização do mel em Picos.

⁸⁷ Roberto Ravin Op. Cit.

Foi compreendido que com a implantação das cooperativas, estas acarretaram melhorias na vida dos apicultores. As cooperativas surgem como entreposto comercial no recebimento e venda do mel. A vida do apicultor melhorou, nesse sentido, porque as cooperativas dão as bases necessárias para a extração, manejo e comercialização do mel, procurando eliminar a ação dos atravessadores e aperfeiçoando o trabalho dos apicultores. No que corresponde ao desenvolvimento da cidade, as cooperativas são responsáveis pela comercialização e produção do mel de qualidade, atraindo o interesse tanto do mercado interno como externo, pois quem procura a cooperativa sabe que vai comprar o mel de qualidade. As cooperativas se destacam por propiciar o desenvolvimento de projetos, palestras, cursos profissionalizante e seminários de boas práticas e maneiras aos associados.

Como se vê a cidade de Picos é marcada por diferentes tipos de apicultores e trabalhadores apícolas, que a partir das suas subjetividades nos conta por meio de experiências, as significações do trabalho com as abelhas na sua vida. Vê-se que desde o associado, o empregado, o agricultor que complementa a renda ou o que tem na apicultura atividade principal, onde o principal motivo de introdução na apicultura se deu devido à renda. Muitos trabalhadores relatam o gosto em trabalhar com a apicultura, destacando o apreço que tomaram com as abelhas e os cuidados que destinam a ela. Assim como outros relatam as dificuldades encontradas na realização do trabalho apícola.

Contudo, muitos trabalhadores passam a inserir na atividade apícola em busca de melhorias nas condições de vida ou como forma de complemento a renda. Inicialmente a apicultura era vista como fonte de riqueza principalmente nas décadas de 1980 a 1990. Muitos apicultores ficaram bem de vida com a criação das abelhas, conseguindo uma vida confortável. Muitos relatam que compraram propriedades, carros, eletrodomésticos proporcionando mais conforto a família. Já em anos recentes alguns apicultores nos contam que entrou na apicultura mais como uma forma de complementar a renda, surgindo como paralela a outra atividade.

Geralmente muitos apicultores passaram a criar abelhas devido à influência familiar ou de algum conhecido, por verem na criação das abelhas uma forma de melhorar de vida. Logo com a introdução na atividade apícola, novas atribuições passam a ser internalizadas no ofício desses sujeitos, que passam a adquirir novas experiências em sua vida e na realização do trabalho com as abelhas.

Inicialmente o trabalho com as abelhas era feito a partir de técnicas rudimentares prejudiciais ao ambiente e a vida dos trabalhadores apícolas. Com o aprimoramento das técnicas e mecanização da produção do mel, tornam-se necessários aos apicultores

aperfeiçoamento e melhoramentos nas práticas do transporte e extração do mel, devido às novas exigências do mercado e preservação ambiental, necessário para a realização da atividade com as abelhas.

As abelhas são seres diretamente ligados à natureza e necessitam de uma boa florada para realização da atividade. Dai, no Piauí ocorre o desenvolvimento da apicultura migratória. Apesar da grande variedade natural, muitos apicultores migram com as caixas para outros lugares, em busca de um ambiente favorável para produção do mel o ano inteiro, sendo esses, em grande parte, os que se dedicam exclusivamente a realização da apicultura.

Em relação à mão de obra, alguns apicultores narram, que na realização da sua atividade não conta com ajuda de ninguém, sendo esses os que os pequenos trabalhadores rurais que possui poucas caixas. Outros apicultores, já relatam que contam com a participação familiar, principalmente com a ajuda dos filhos na realização do trabalho apícola. Os grandes apicultores declaram a necessidade na contratação de mão de obra, sejam essas permanentes ou temporárias, pois o trabalho com as abelhas é oneroso e arriscado.

Contudo um dos grandes problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais ao longo dos anos é a seca, que vem assolando as plantações e criatórios de animais no Nordeste. A apicultura vem sendo afetada diretamente pela estiagem, segundo o relato desses trabalhadores. Além da seca, o setor apícola sofre ainda com outras dificuldades, como a falta de políticas de apoio ao setor e ao trabalhador apícola, que nos relatam que se encontram desamparados diante dessa profissão de risco.

Portanto, foi constatado que apesar da ideia de progresso e melhoria na vida do apicultor e da cidade de Picos, fica evidente na fala dos trabalhadores apícolas, que a atividade trouxe benefícios em seus anos iniciais e no presente necessita de reparações e apoios por parte dos agentes políticos e sociais.

É partir dessas memórias que se passa a entender as formas de trabalho e o impacto da apicultura na vida desses sujeitos. Os apicultores expõem por meio dos seus relatos, os prazeres e dificuldades de se realizar a apicultura, onde destacam os benefícios trazidos e as dificuldades hoje impostas à realização do seu ofício. É partindo da sua vida, das mudanças, das experiências vividas e compartilhadas que se entende a verdadeira realidade da vida desses sujeitos que estão em busca de uma vida digna e confortável. Dando assim sentido a esse trabalho e vida desses trabalhadores no desenrolar da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAULOUB, Sidney. **Visões da liberdade: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COSTA, Luciano Sousa. O cooperativismo uma Breve Reflexão Teórica. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VISeminario/Artigos%20apresentados%20em%20Comunica%E7%F5es/ART%207%20-%20O%20cooperativismo%20-%20uma%20breve%20reflex%E3o%20te%F3rica.pdf>>. Acesso em: 04 de junho. 2013

HERMANN, Jacqueline. **Religião e Política no alvorecer da República: Os Movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestados.** In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília A. Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O Tempo do Liberalismo Excludente- da Proclamação da República a Revolução de 1930: Civilização Brasileira,** 2011.

KHOURY, Yara. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. **Projeto História. Revisita de Estudos Pós- graduados de História,** São Paulo, SP, v.2, p. 79-103, jun.2001.
PORTELLI, A. **A Filosofia e os fatos.** Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes oraís. Tempo, Rio de Janeiro: vol.1, n.2,1996.

SANTANA, Marco Aurélio. **Militância, Repressão e Silêncio:** relato de uma experiência com memória operária. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, v.3, p.35-47, n.3, 2000.

THOMPSON. Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

Williams, R. **O campo e a cidade: Na História e Na Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal Macambira de 22-08-1982 E 31-03-1983

MACAMBIRA, Apicultura em Picos. Picos, Fevereiro de 1982.

MACAMBIRA, Apicultura: Modo certo de Aumentar a Produção e Lucro. Picos, Março de 1983.

FONTES DE AJUDA AO TEXTO

BANCO DO BRASIL, **Desenvolvimento Regional Sustentável**. Serie Cadernos de Propostas de Atuação em Cadeias Produtivas. Brasília. Vol. 5, novembro de 2010.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Apicultura no Piauí e o Desenvolvimento Territorial**. In: ENG, XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 16, 2010, Porto Alegre- RS. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Crise, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e esperança Espaços de dialogo e prática. Porto Alegre, 2010. P. 1-11.

GOVERNO ESTADUAL. Grupo Gestor Estadual de Arranjos Produtivos Locais. **Plano de Desenvolvimento Do Arranjo Produtivo Da Apicultura Do Território De Picos** Piauí. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1247146890.pdf. Acesso em: 04 de Junho. 2013.

HISTÓRIAS de Sucesso: Agronegócio: Apicultura. Org.: Renata Barbosa de Araújo Duarte. Brasília: SEBRAE, 2006

BANCO DO BRASIL, **Desenvolvimento Regional Sustentável**. Serie Cadernos de Propostas de Atuação em Cadeias Produtivas. Brasília. Vol. 5, novembro de 2010.

DOCUMENTOS

CAMPIL (Cooperativa de Apicultura da Microrregião de Picos)

Atas de reunião do conselho administrativos 1980 á 2004

Documentação do Conselho de Administração

COOAPI (Cooperativa Apícola da Grande Picos)

Ata de reuniões do conselho de administração: 1995 á 2013

Cadastro Nacional da pessoa jurídica

Documentações dos conselhos de administração

ANEXOS

ANEXOS A - A Relação dos Apicultores Entrevistados

O Senhor Adão Gomes Gonçalves

Casado, 53 anos, apicultor, natural de Picos, reside em Picos (PI). Trabalha com apicultura desde 2004. Entrevista realizada em 16 de abril de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).

O Senhor Antônio de Moura Barbosa

Casado, apicultor, natural de Picos, reside em Picos (PI). Trabalha com apicultura desde 1995. Entrevista realizada em 16 de abril de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).

O Senhor Francisco Assis da Silva

Conhecido como Pedro Lopes, casado, 52 anos, agricultor, natural de Picos, reside em Picos (PI). Trabalha com apicultura desde criança ajudando seu pai. Entrevista realizada em 16 de abril de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI). (in memoriam)

O Senhor Luís Raimundo Martins

Apicultor, reside em Picos (PI). Atual presidente da COOAPI (Cooperativa Apícola da Grande Picos). Entrevista realizada em 17 de Janeiro de 2014 na sede da COOAPI, bairro Condurú em Picos (PI).

O Senhor João Alves de Sousa

Divorciado, 48 anos, agricultor, natural de Picos, reside em Picos (PI). Trabalhou com apicultura como ajudante. Entrevista realizada em 30 de março de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).

O Senhor José Roberto Ravin

Casado, 61 anos, apicultor, natural do Paraná, reside em Picos (PI). Trabalha com apicultura desde criança ajudando seu pai. Veio ao Piauí em 1982. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).

O Senhor José Ronildo Leal Carvalho

Casado, 30 anos, agricultor, natural de Picos, reside em Picos (PI). Trabalha com apicultura desde 2005 e permaneceu até 2013. Entrevista realizada em 16 de abril de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).

A Senhora Maria Galdino da Silva

Viúva, 37 anos, agricultora, natural de Picos, reside em Picos (PI). Esposa do senhor Francisco Assis Silva, criador de abelhas e um dos entrevistados, que faleceu em 22 de junho de 2014. Entrevista realizada em 20 de julho de 2014 no povoado Mirolândia em Picos (PI).